



Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – Campus IV
Curso de Licenciatura Plena em História

147

Álvaro Cléverson da Silva Souza

História e Memória da Segunda Guerra Mundial em Morro do Chapéu

Trabalho monográfico apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade do Estado da Bahia, Campus IV, como requisito para obtenção de conclusão de curso, sob a orientação do Profº Fabricio Lyrio.



Jacobina,
Maio/2004.

Enquanto a guerra for considerada uma maldade exercerá sempre uma fascinação.

Quando for vista como baixa deixará de ser popular.

Oscar Wilde.

A Deus.

A meus pais, irmãos, familiares,
professores, amigos e colegas por
estarem sempre presentes. A todos os
familiares do soldado Cláudio.

Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos, neste espaço, vão para todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

Ao corpo docente do Colegiado de História do Departamento de Ciências Humanas da UNEB – Campus IV, pela dedicação e estímulo a mim auferidos no decorrer do curso de licenciatura.

Ao meu colega e irmão Pedro Roberto Bento pela ajuda indispensável na aquisição de dados e indicação de material bibliográfico local, como também nos momentos de dúvidas.

Ao professor Fabrício Lyrio por ter me dado o pontapé inicial, através de incentivos profissionais, para o desfecho deste trabalho.

Ao meu colega Anderson Sampaio pela força sempre que me teve dispensado na construção deste trabalho.

A todos os depoentes de Morro do Chapéu, em especial aos familiares do soldado Cláudio, pelas informações que só fizeram enriquecer e respaldar este trabalho.

A todos os meus colegas e parceiros de jornada acadêmica, pelas contribuições e incentivos, em especial a Edeílza Santos (Dê), Ronei Farias e Carla Corte pelas boas lembranças e pelo apoio nos vários momentos de dificuldades que passamos juntos.

A Márcio Brito e Carlinha, funcionários da Secretaria Municipal da Cultura de Morro do Chapéu, pela disponibilidade do rico material do Correio do Sertão.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo a tentativa de estabelecer um vínculo entre a Segunda Guerra Mundial e a cidade de Morro do Chapéu. A conjuntura de guerra arregimentou todo o país a uma espécie de neutralidade coerente com os destinos do conflito, pois a política varguista preparava a nação para a possível entrada do Brasil na guerra, desde o início, uma vez que sua posição se tornara ambígua em relação aos reais envolvidos na conflagração. A idéia da neutralidade, então, não passava de uma estratégia e o que estava realmente em jogo era o financiamento, através das potências envolvidas, da construção da Usina de Volta Redonda. A imprensa nacional veiculava intensamente as propagandas patrióticas do Estado Novo. A cidade de Morro do Chapéu recebia as notícias através do Correio do Sertão, periódico fundado em 1917, que seguia a linha estabelecida pelo controle de imprensa do governo Vargas. Acontecimentos marcantes para a entrada efetiva do Brasil na guerra foram os afundamentos dos navios no litoral baiano e o conseqüente rompimento das relações diplomáticas com as nações do Eixo, apresentados no Correio do Sertão de uma maneira fortemente emocional e apelativa, em que a população de Morro do Chapéu também participou das campanhas de economia de guerra, bem como todo o aparato de mobilização do Estado Novo que procurava arregimentar a população ao apoio à política de Vargas através de alistamento e amor à pátria acima de tudo. Esse procedimento serviu bastante para despertar a coragem latente de um jovem morrense que serviu ativamente a Força Expedicionária Brasileira na Campanha da Itália, em que os morrenses vivenciaram de forma eminentemente particular os efeitos psicológicos do conflito, especialmente os familiares do soldado. Por fim, os festejos na comunidade proporcionados pelo fim do conflito revelam que a Segunda Guerra Mundial ficou marcada na memória dos moradores de Morro do Chapéu, estabelecendo um contato com o mundo externo à sua realidade e afirmando que micro-contextos históricos também dividem os processos de macro estruturas montadas.

Sumário

Dedicatória	
Agradecimentos	
Resumo	
Introdução.....	7
Capítulo I – Caminhos do Apocalipse.....	11
Capítulo II – O Brasil a Caminho da Guerra.....	18
Capítulo III – O Começo do Fim.....	26
Capítulo IV – Lembranças de Uma Guerra Estranha.....	43
Capítulo V – Festas de Fim de Guerra.....	66
Conclusão.....	76
Fontes.....	79
Referências Bibliográficas.....	80
Anexos.....	82

Introdução

A História é o marco de registro dos acontecimentos que trilharam a caminhada estrutural da organização humana. Os graves conflitos ocorridos na história da humanidade vêm deixando, ao longo dos tempos, marcas profundas na organização política, econômica e social do mundo. Conquistas são feitas de forma muitas vezes “inescrupulosas”, defendendo interesses de uma nação ou raça e desrespeitando organizações ou estruturas sociais consolidadas. Os fatos que antecedem um acontecimento conflituoso representam a articulação para tentar explicar o presente, uma vez que grandes eventos históricos mexem com macroestruturas consolidadas.

De todos os conflitos registrados na história a Segunda Guerra Mundial foi o de maiores e mais profundas conseqüências. Calcula-se que de 40 a 65 milhões de pessoas foram mortas, entre elas um grande número de civis. Durante o conflito, a guerra psicológica atingiu alto grau de eficiência, em que a propaganda foi usada extensivamente em todas as suas formas. Nesse sentido, a intensidade desse importante acontecimento da história mundial despertou, em cada canto, visões distintas, pautadas nas informações oriundas do conflito. Desse modo, a necessidade em saber como localidades tão distantes, aparentemente não sofrendo nenhuma conseqüência, tomaram parte, através de meios de comunicação locais, do contexto da guerra, apresentando uma visão peculiar em conformidade com os rumos políticos e intelectuais locais diante da magnitude de interpretações que esse fato concebia.

A imprensa mundial relatou de forma operativa cada passo do conflito. As publicações oscilavam entre a informação e a propaganda, quando esta passou a ser uma grande arma, talvez uma das mais eficazes, formando ideologias, principalmente aos menos favorecidos intelectualmente, explorando os sentimentos, o coração das massas, permeada de uma dose de psicologia, pois o povo deixa-se mais guiar pelo sentir do que pelo pensar.

Nesse contexto, o acesso a produções jornalísticas de localidades pequenas e distantes se restringia à população letrada. A idéia do conflito mundial parecia uma realidade fictícia, onde a maioria dessas comunidades estabelecia, aparentemente, uma representação unânime. Porém, quando se parte para uma análise social dessas

comunidades percebe-se o quanto que a memória pode contribuir para o resgate de reminiscências, sobretudo quando essa memória da guerra possibilita um diálogo interessante com fontes escritas, especialmente os periódicos que veiculavam as notícias do momento, sempre empenhadas por um discurso mobilizatório.

A complexidade do advento da Segunda Guerra Mundial é apresentada nas várias tentativas de conceber uma interpretação, através de aspectos diversos como Deus, fé, maldade, interesses políticos e econômicos, paz, para tamanha falta de humanidade. O conflito afetou todos os meios de comunicação por seu selvagerismo tecnológico e ideológico, principalmente os jornais, onde relatavam cada passos da luta armada, cada perda e cada vitória alcançada. As interpretações surgiam à medida que desenrolava o conflito e os meios de comunicação bombardeavam de informações a população.

Nessas condições, o Brasil, a Bahia e a Chapada Diamantina também foram atingidos pelas manchetes vindas da guerra. Nesse âmbito, é interessante ressaltar que lugares longínquos, quase esquecidos, faziam também seus relatos, através de seus próprios veículos de comunicação, apesar das dificuldades em obter as informações. Assim, uma gama de significados é estabelecida para alguns moradores dessas regiões, uma vez que tal manchete não era de interesse geral. O fato de representar um acontecimento mundial e, ao mesmo tempo, distante da realidade local dessas comunidades, instiga-nos a uma pesquisa voltada para a concepção criada, através das matérias publicadas por meios de comunicação locais, de moradores que, de alguma forma, procuraram se interar com as informações recebidas.

Esse trabalho tem como foco central a cidade de Morro do Chapéu. Localizada na Chapada Diamantina Norte, Estado da Bahia, a cidade dispõe do jornal mais antigo do interior baiano: o Correio do Sertão, fundado em 1917. A reconstrução da memória local está pautada nos depoimentos recolhidos de seus moradores, bem como nas inesgotáveis fontes escritas do Correio do Sertão, em que o povo de Morro do Chapéu esteve informado dos principais acontecimentos, desde o início do conflito, em 1939, até seu término em 1945.

A entrada efetiva do Brasil na Segunda Guerra Mundial produziu efeitos e alterações significativas no quadro sócio-econômico do país. A população de Morro do Chapéu viveu, nesse período, um acontecimento de sua história que se aproxima do

contexto do conflito. Dois de seus filhos deram sua contribuição à Segunda Guerra Mundial, sendo que um foi efetivamente incorporado a Força Expedicionária Brasileira, o que revela um ponto em comum. Todo o aparato de mobilização criado pelo Estado Novo gerou um interesse pelo conflito, estabelecendo modificações na vida cotidiana local. A repercussão da notícia, via Correio do Sertão, de que um cidadão morrense fora convocado para servir ao exército brasileiro na guerra modificou os hábitos da população, em que o conflito passou a fazer parte do cotidiano da comunidade, onde alguns moradores participavam, através de discussões nas ruas, em bares, sobre os rumos da guerra, assim como o despertar de um certo orgulho em relação à sua naturalidade.

O texto está dividido em cinco capítulos. O primeiro oferece um panorama geral da Segunda Guerra Mundial, seguido do segundo momento que priorizará o estado de guerra do Brasil criado pelos ataques alemães e abordando a política de guerra do Estado Novo que determinaria alterações significativas na rotina do povo brasileiro e, conseqüentemente, do povo baiano.

Os aspectos do imaginário morrense diante do grande espetáculo de destruição e morte causado pela guerra, relatados de forma dramática pelo Correio do Sertão são analisados no terceiro capítulo. A possibilidade do conflito se tornar efetivamente global, chegando ao ponto de atingir a comunidade são tratados como elementos fundamentais, uma vez que alguns moradores que tinham acesso ao periódico tratavam de transmitir os horrores do conflito à população menos letrada.

O quarto capítulo trata da convocação do soldado morrense. A preocupação familiar retratada nos depoimentos, os discursos de mobilização da política ditatorial do Estado Novo, enfatizando o patriotismo, relatados na imprensa local, forçando um diálogo que se pretende espetacular a intensidade do repertório mobilizatório no dia a dia da comunidade, a união entre os moradores nas manifestações de solidariedade aos familiares do pracinha, em que a conjuntura de guerra exigiu novas posturas na comunidade, bem como a sua chegada a Morro do Chapéu, as homenagens recebidas e o desfecho que não apresentou uma posição satisfatória.

Os acontecimentos finais da guerra levariam a uma euforia bastante significativa em Morro do Chapéu. Como o Correio do Sertão informava sobre os mais importantes rumos do conflito através de uma linguagem escatológica e passional, seguindo a linha

de imprensa determinada pelo Estado Novo, e o povo da cidade, a partir da convocação do soldado, se viu mais inserido no contexto da guerra, as comemorações foram inevitáveis, acompanhadas de missas e festejos. Esses elementos serão abordados no quinto momento do trabalho.

Assim, analisaremos de que forma e com que intensidade os efeitos da guerra e, principalmente, a convocação de um morrense para a linha de frente do conflito, penetraram na vida cotidiana local e as suas possíveis conseqüências. Nessa perspectiva, a cidade de Morro do Chapéu obedece a critérios que fazem jus a um estudo mais detalhado do cotidiano e do imaginário popular numa escala micro de observação, uma vez que, analisando uma estrutura menor, em relação a macro estrutura montada diante do conflito, estamos não apenas observando resultados de determinadas medidas, mas também investigando as peculiaridades cotidianas e mentais presentes no contexto. Portanto, esse trabalho busca ao mesmo tempo analisar a repercussão de macro conflitos em um micro universo, vertente da historiografia conhecida como história regional, e enfocar os efeitos culturais dessas transformações, ou seja, promove uma história cultural e também social de Morro do Chapéu na guerra.

Capítulo I

Caminhos do Apocalipse

As causas indiretas nas velhas rivalidades políticas e econômicas dos grandes países europeus, e das origens diretas ou imediatas na política de agressivo imperialismo da Alemanha, fizeram com que a Primeira Guerra Mundial representasse um súbito impacto de uma onda destruidora dos valores, transmitidos pelo século XIX, e que se tinham como definitivos, da democracia individualista e liberal. Choques entre uma concepção tardia de autocracia, e o ideal de livres governos representativos, onde a simpatia quase unânime dos brasileiros eram pelas potências aliadas, redutos do liberalismo. A segunda conflagração, fruto esperado de luta aberta entre ideologias extremadas, sobre a passividade contemporarizadora das grandes democracias, dividia internamente, com maior ou menor extensão e profundidade, a elite de cada país. Às maiorias democráticas, de várias facções, opunham-se os nazistas e os comunistas, aqueles mais arrogantes, porque mais convencidos da fulminante vitória de Hitler; estes, na expectativa da atitude que os acontecimentos pudessem impor à Rússia. A luta resumia-se a um duelo entre os imperialismos da direita e do centro pela hegemonia mundial.

Integralistas, que cultuavam Mussolini e Hitler como inspiradores da sua doutrina, e, mesmo, como chefes supranacionais, à semelhança de Stalin para os bolchevistas, militares apologistas dos governos fortes, sempre impressionados pela poderosa organização bélica da Alemanha, todos, todos querendo uma aliança que significaria estar de lado com os futuros donos do mundo.¹

Países de todos os continentes foram envolvidos, de forma ativa ou passiva, pela Segunda Guerra Mundial, uma disputa em que nações com séculos de civilização se enfrentaram numa escala destrutiva sem precedentes. A Primeira Guerra Mundial inaugurou um período de profunda crise no sistema capitalista mundial, da qual a crise

¹ BELO, José Maria. História da República, 1889-1954: síntese de sessenta e cinco anos de vida brasileira. 8 ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1983. p. 329.

de 1929 que estourou nos Estados Unidos era somente a ponta de um imenso iceberg. Apesar da euforia dos anos 1920, nos Estados Unidos, sabe-se que o crescimento acabou redundando na crise, em que anos mais tarde todo o mundo capitalista sofreria. Este breve relato da situação econômica mundial dá bem uma idéia da crise em que o mundo capitalista estava mergulhado. Mas foi também neste quadro de crises que se deu a ascensão do fascismo na Itália e do nazismo na Alemanha, incentivando um clima de rearmamento que já se achava latente nos países imperialistas europeus. Se a corrida armamentista e o crescente clima de guerra foi uma espécie de injeção de adrenalina no capitalismo mundial, o deflagrar da Segunda Guerra Mundial foi o clímax dos grandes consórcios capitalistas.

No ano de 1925 as potências européias reuniram-se em Locarno para ratificar na prática o Tratado de Versalhes. Continuava a falsa calma que prevalecia depois do acordo espoliativo assinado em Versalhes em 1919, em que, para a França e a Inglaterra a Alemanha deveria pagar tudo. Na verdade, tanto a paz firmada em 1919 como o acordo de 1925 não passaram de uma mal disfarçada trégua. A guerra era inevitável para os países capitalistas, pois fosse qual fosse a instabilidade da paz pós 1918 e a probabilidade de seu colapso, é bastante inegável que o que causou concretamente a Segunda Guerra Mundial foi a agressão pelas três potências capitalistas descontentes ligadas por vários tratados. Abaixo, um quadro que demonstra os caminhos do apocalipse:

Os marcos miliários na estrada para a guerra foram a invasão da Manchúria pelo Japão em 1931; a invasão da Etiópia pelos italianos em 1935; a intervenção alemã e italiana na Guerra Civil Espanhola em 1936-9; a invasão alemã da Áustria no início de 1938; o estropiamento posterior da Tchecoslováquia pela Alemanha no mesmo ano; a ocupação alemã do que restava da Tchecoslováquia em março de 1939 (seguida pela ocupação italiana da Albânia); e as exigências alemãs à Polônia que levaram de fato ao início da guerra.²

Alternativamente, podemos contar esses marcos miliários de um modo negativo, uma vez que as instituições criadas no mundo pós Primeira Guerra Mundial, que tinham

² HOBBSBAWN, Eric. A Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 44.

o dever de proteger a sociedade e punir os agressores, deixarão brechas para o crescimento dos governos totalitários na Europa:

A não-ação da Liga contra o Japão; a não-tomada de medidas efetivas contra a Itália em 1935; a não-reação de Grã-Bretanha e França à denuncia unilateral alemã do Tratado de Versalhes; a recusa de Grã-Bretanha e França a intervir na Guerra Civil Espanhola (“não intervenção”); a não-reação destas à ocupação da Áustria; o recuo delas diante da chantagem alemã sobre a Tchecoslováquia (o “Acordo de Munique” de 1938); e a recusa da União Soviética a continuar opondo-se a Hitler em 1939 (o pacto Hitler-Stalin de agosto de 1939).³

Até aqui existe um lado que claramente não queria a guerra, mesmo não fazendo tudo para evitá-la, e o outro a glorificava e, no caso de Hitler, sem dúvida a desejava ativamente. Porém, nenhum dos agressores queria a guerra que tiveram, quando a tiveram, e contra pelo menos alguns dos inimigos com os quais se viram lutando. O Japão, apesar da influência militar em sua política, certamente teria preferido alcançar seus objetivos – *em essência a criação de um império leste-asiático*⁴ – sem uma guerra geral. Quanto à Alemanha, a certeza era não travar uma guerra contra a Grã-Bretanha, enfrentar uma União Soviética decidida a vencer a qualquer custo e posteriormente os Estados Unidos, o pesadelo de todo general e diplomata alemão.

A Alemanha (e depois o Japão) precisava de uma guerra ofensiva rápida pelos mesmos motivos que a tinham feito necessária em 1914. Os recursos conjuntos dos inimigos potenciais de cada um deles, uma vez unidos e coordenados, eram esmagadoramente maiores que os seus.⁵

Com a invasão alemã à Polônia, a guerra se apresentou como um conflito puramente europeu da Alemanha contra Grã-Bretanha e França, onde esta mais tarde cairia. A Polônia foi derrotada e repartida com a União Soviética, obedecendo ao pacto

³ HOBBSBAWN. op. cit. p. 45.

⁴ Ibidem. p. 45.

⁵ Ibidem. p. 45.

nazi-soviético e o conflito parecia ter tomado o rumo que Hitler queria, evidenciando a velocidade expansionista alemã.

Na primavera de 1940, a Alemanha levou a roldão a Noruega, Dinamarca, Países Baixos, Bélgica e França com ridícula facilidade, ocupando os quatro primeiros países e dividindo a França numa zona diretamente ocupada e administrada pelos alemães vitoriosos.⁶

Diante das discussões, é comum acharmos estudiosos que atribuem a luta travada durante a Segunda Guerra Mundial aos soldados americanos defensores da democracia e os nazistas da Alemanha de Hitler ou os japoneses fanatizados do imperador Hiroito. Não é o que parece. O conflito foi, em sua maior parte, travado entre a Alemanha nazista e a União Soviética. A esmagadora maioria das divisões dos exércitos nazistas permaneceu em território soviético, na chamada frente oriental, tentando apagar o país dos comunistas do mapa. Os vinte milhões de soviéticos mortos podem atestar a violência e a importância da participação da União Soviética no conflito mundial. É como se uma nova guerra se iniciasse, sem lógica, pois existia o pacto de Hitler e Stalin, e foi justamente nesse “erro de cálculo” que Hitler começou a definhir, subestimando o poder de defesa soviética, onde o conflito tomaria um novo rumo.

A guerra foi revivida pela invasão da URSS por Hitler em 22 de junho de 1941, a data decisiva da Segunda Guerra Mundial; uma invasão tão insensata – pois comprometia a Alemanha numa guerra em duas frentes – que Stalin simplesmente não acreditava que Hitler pudesse contemplá-la. Ele subestimou espetacularmente a capacidade soviética de resistir.⁷

O Japão fazia sua parte na Ásia, ocupando o Sudeste asiático, ação a qual bate de frente com o imperialismo americano. Mas, por enquanto, os Estados Unidos só usam o fator econômico para atingir o Japão. Só que, na história, todos os fatos vão se encadeando. É provável que o Japão não pudesse evitar a guerra com os Estados Unidos, a menos que desistisse do objetivo de estabelecer um poderoso império

⁶ HOBBSAWN. op. cit. p. 46.

⁷ Ibidem. p. 47.

econômico no Sudeste asiático, que era a essência mesma de sua política. Assim, em 1941, o ataque japonês a Pearl Harbor (porta aviões americano no Pacífico), inicia um novo conflito paralelo: a guerra do Pacífico, tomando proporções mundiais. Nesta guerra, o Japão recebe apoio incondicional da Alemanha e da Itália. Como consequência, tem-se o engajamento efetivo dos Estados Unidos na guerra, apoiado pela política do isolacionismo.

A opinião pública americana encarava o Pacífico (ao contrário da Europa) como um campo normal para a ação dos Estados Unidos, mais ou menos como a América Latina. O isolacionismo pretendia manter-se fora apenas da Europa.⁸

Adolf Hitler no poder em 1933. A história começa a tomar rumos obscuros. A mente do ditador espelha uma certa inquietação no mundo capitalista e nas nações envolvidas, a partir do momento que suas idéias são colocadas em prática. Uma delas é a união de todos os germânicos no grande *Anschluss*. Só que esses alemães estão dispersos em vários países, necessitando espaço vital para sua sobrevivência digna. É baseado neste pretexto que vai acontecer a expansão nazista dentro da Europa. Pretexto que alguns dizem que no fundo é necessidade de mercado consumidor para a crescente indústria.

Hitler referia-se a freqüentemente à necessidade de guerra, oscilando do ponto de vista mítico ao de estrategista militar. Afirmava ser a guerra “eterna”, “cotidiana”, “vida” (...) e toda sua concepção de política se apoiava sobre a necessidade histórica de assegurar ao povo alemão seu espaço vital. Como o espaço vital sempre fora conservado ou conquistado pela luta, não via alternativa senão fazer uso “definitivo da guerra (...).⁹

⁸ HOBBSAWN. op. Cit. p. 48

⁹ LENHARO, Alcir. Nazismo: o triunfo da vontade. São Paulo: Ática, 1992. p 57.

O nazismo se apóia na idéia de raça e sobre o conceito de comunidade do povo (Volksgemeinschaft) (...) quem não tinha sangue ariano, quem não tinha cosmovisão germânica era considerado subhomem.¹⁰

A política nazista expressava o sentimento nacionalista e racista, pregando essa ideologia. Mais tarde, se traduz na perseguição e morte dos não arianos, principalmente dos judeus. A comunidade ou povo é a única forma de suprimir o individualismo, onde os direitos da pessoa não contam. O que conta é a nação, com suas leis e sua moral. O nazismo não seguiu uma idéia somente. Ele mesclou idéias de vários pensadores, como a filosofia de Friedrich Nietzsche, com sua concepção de super-homem. No entanto, não podemos afirmar que Nietzsche foi nazista. Suas idéias é que foram interpretadas segundo os interesses dos estudiosos nazistas. Vale salientar que Nietzsche e nazismo não foram contemporâneos. De qualquer forma, a exaltação, direta ou indireta, mal interpretada ou não, daria ao povo germânico a certeza que a raça pura seria a ariana, e esta seria a dominante e precisaria do espaço vital. Isso servirá de pretexto para as futuras invasões expansionistas e, conseqüentemente, a mortandade programada. Podemos dizer que a ideologia nazista se fundamenta em cima de alguns tópicos como a superioridade racial, o anti-semitismo e uma propaganda bem elaborada. Não precisamos estender essa explicação para perceber o horror que o holocausto proporcionou ao povo judeu e ao restante do mundo, quando essa política foi desmascarada e mostrada. A guerra em massa da Alemanha exigia produção em massa, sendo seu objetivo a destruição racionalizada de vidas humanas da maneira mais eficiente, como nos campos de extermínio ou explorando os recursos e a mão-de-obra da Europa ocupada, tratando as populações não alemãs como inferiores, onde poloneses, russos e principalmente judeus como mão-de-obra escrava descartável, que não precisava nem ser mantida viva.

E, deve-se dizer, na Segunda Guerra Mundial a natureza do regime de Hitler e o comportamento dos alemães, inclusive do velho exército alemão não nazista, na Europa Oriental, foi o de justificar muita demonização.¹¹

¹⁰ RIBEIRO, João Jr. O que é Nazismo. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 45.

¹¹ HOBSBAWN. op. cit. p. 57.

É comum admitir que o início da Segunda Guerra Mundial foi devido à invasão alemã à Polônia. No entanto, com o desenrolar do conflito percebe-se que não foi apenas um vilão, e sim três: Alemanha, Estados Unidos e Japão, todos buscando imperar em regiões fracas, através da força, onde nenhum resistiu à tentação de salvar as vidas de seus cidadãos, tratando a dos países inimigos como totalmente descartáveis. De qualquer forma, não precisamos de explicação para tentar entender a crescente brutalidade e desumanidade estabelecida na Segunda Guerra Mundial, uma vez que se trata da ambição humana de poder que não se preocupou em deixar para as gerações futuras um planeta doente, envolvendo nações inocentes e quase que totalmente fora dos parâmetros de guerra, como é o caso do Brasil que abordaremos no capítulo seguinte. Talvez as duas bombas atômicas e os campos de concentração sejam a contribuição deixada pela guerra que mais envergonha a humanidade. Pena que os Estados Unidos saíram como os mocinhos da história.

Enfim, na ordem dos sentimentos, a guerra e suas atrocidades, o universo de horror das explosões atômicas e dos campos de concentração, o extermínio imediato de milhares, deixam traços duradouros, ressentimentos contra os responsáveis (...).¹²

Pode-se dizer que esta é a vitória da democracia contra os totalitarismos. Combatentes das nações envolvidas representam a fonte viva da memória, lutando por uma democracia mundial, onde cada um teve a sua contribuição valiosa para tentar explicar o maior erro humano do século XX e talvez de toda a história da humanidade até aqui. Teoricamente se volta a viver a liberdade, encabeçada ironicamente pelos Estados Unidos, que mais do que nunca se tornaram os xerifes do mundo. Com o fim da guerra surgem várias conferências e tratados com o intuito aparente de se estabelecer a paz. Porém, a ganância das emergentes superpotências ainda irá financiar as atrocidades Terceiro Mundo afora, em prol, exclusivamente, de garantir sua supremacia sobre todas as nações, assim como Hitler um dia almejou!

¹² REALE, Giovane; ANTISERI, Dario. História da filosofia: do romantismo até nossos dias. Trad.: Álvaro Cunha. Vol. III. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 422.

Capítulo II

O Brasil a Caminho da Guerra

A guerra de 1939 provocaria forçosamente entre os brasileiros, como entre todos os povos, as mesmas apreensões, tantas vezes angustiosas, que a Primeira Guerra Mundial fizera nascer. Haveria, entretanto, certa diferença sensível de reações das suas elites, isto é, das camadas menos alheias aos problemas gerais do mundo. Alguns grupos conservadores, no permanente receio de perturbações sociais, certas cabeças do Estado totalitário, incluindo naturalmente o presidente Getúlio Vargas, constituíam uma pequena minoria de adeptos, confessados ou não do nazi-fascismo. Podem juntar aí os flutuantes e oportunistas, inclinados toda a vida para os que julgam mais próximos da vitória, e que dariam como agonizante o Estado liberal.

Diante de todo o processo para que a Segunda Guerra Mundial eclodisse, todos os caminhos apontam que a Alemanha, o Japão e um pouco a Itália foram os agressores. Mesmo não sendo simples responder sobre quem ou o que causou o conflito a objetividade dos estudos nos reporta a Adolf Hitler. Sendo assim, podemos entender que a segunda grande guerra foi iniciada, de fato, em 1939 pela Alemanha, quando Hitler ordenou a invasão da Polônia. O Brasil representava, do ponto de vista econômico e estratégico, elo fundamental na guerra. É assim que, desde 1939, a pressão americana aumenta, indo de empréstimos ao envio de missões militares. Nesse sentido, em 1942, o Brasil assinou o acordo de Washington, o qual estava previsto o fornecimento de produtos aos Estados Unidos.

São os acordos de Washington (começo de 1942) que regularizam o comércio entre os dois países, onde os americanos nos compram café e outros produtos agrícolas, tecidos e outros produtos industriais, ferro e outros minerais.¹³

A guerra prosseguia sem trégua na Europa e o eixo Roma-Berlim havia tomado a França, o que trouxe inquietações às nações americanas. Estas, entre elas o Brasil, na tentativa de manter localizada a crise, uma vez que ficou acertada a neutralidade do

¹³ CARONE, Edgard. A Terceira República. São Paulo: Difel, 1976. p. 59.

continente, assistiram passivamente a agonia da França e a desesperada resistência da Inglaterra. Assim, o governo brasileiro tentou reeditar a posição que assumira em 1914: a neutralidade, sob a prudente argumentação de que o engajamento na guerra comportava sérios riscos, além de ser notória a carência de meios militares e econômicos. O jogo de interesses em conflito, entretanto, e a responsabilidade moral pela defesa dos ideais de liberdade ameaçadas pela violência nazi-fascista deixava antever quão difícil seria conservar essa atitude. Para tentar neutralizar a ameaça do Eixo as nações americanas realizaram as Conferências do Panamá, em 1939, e de Havana, em 1940, consolidando a integridade continental.

Todo atentado de um estado não americano contra a integridade ou a inviolabilidade do território, contra a soberania ou a independência política de um Estado americano será considerado ato de agressão.¹⁴

De acordo com a citação, desenvolve-se, assim, uma intensa atividade diplomática, tendo em vista o fortalecimento do pan-americanismo. Definida a responsabilidade de todos pela segurança do continente, solidarizou-se o governo brasileiro com as deliberações, porquanto os princípios norteadores e os objetivos em causa estavam em plena concordância com as tradições jurídicas e pan-americanistas da nação brasileira. Porém, o curso histórico do expansionismo das nações do Eixo estava se consolidando, quando a Alemanha e a Itália dominam a Europa continental e o norte da África. Manifesta-se a terceiro aliado: o Japão, que já desenvolvia política de expansionismo invadindo a região da Manchúria, na China, estabelecendo a nova ordem na Ásia.

Em 7 de setembro de 1941 forças aeronavais nipônicas atacaram de surpresa a base naval de Pearl Harbor, no curso de gestões diplomáticas entre os dois países, destruindo grande parte do poderio norte-americano no oceano Pacífico.¹⁵

¹⁴ SCHNAIDERMAN, Boris. Guerra em Surdina: história do Brasil na Segunda Grande Guerra. São Paulo: Brasiliense, 1978. p. 17.

¹⁵ PEDRO, Antônio. A Segunda Guerra Mundial. 2 ed. São Paulo: Atual, 1987. p. 59.

A guerra chegava às Américas. Através do que ficou acordado nas conferências pan-americanas, o Brasil não pôde, evidentemente, manter-se omissa da Segunda Guerra Mundial. Outro fator crucial para que essa omissão não se concretizasse foi que as contingências que haviam levado a hecatombe estavam presentes no país através de um modelo especial de fascismo sem base partidária. No começo da guerra, as vitórias alemãs incentivaram o grupo fascista interno a se manifestar simpaticamente em relação ao Eixo e o próprio presidente Getúlio Vargas sentiu-se bastante respaldado para fazer um discurso favorável ao nazismo, comprometendo a diplomacia com os Estados Unidos.

Quando das comemorações da Batalha do Riachuelo, em 1940, o discurso de Vargas a favor do nazismo foi tão direto ao ponto de gerar mal-estar nos Estados Unidos, já então se inclinando para a Inglaterra.¹⁶

A Alemanha invade a Polônia. O Brasil decreta sua neutralidade em relação às potências mundiais, na verdade, especificamente com os países europeus. A neutralidade brasileira é aparente porque existe no Brasil forte tendência pró-Alemanha e Itália, isto é, países fascistas. Dentro do exército e entre os grupos civis, o movimento direitista é grande e a neutralidade aparece como forma ideal para o Brasil, porque lhe permite observar os acontecimentos e esperar os resultados. É importante ressaltar que Getúlio Vargas sempre foi partidário de um governo antidemocrático e autoritário. No entanto, nunca o Estado Novo foi um Estado fascista, apesar da existência constitucional do sistema Corporativo, um sistema que revela uma certa hesitação.

A dubiedade é característica do sistema imposto em 10 de novembro de 1937: sua composição partidária é a mais extensa possível, havendo apoio de burgueses liberais e conservadores, civis e do Exército, e nunca de pessoas direitistas e fascistas propriamente dito.¹⁷

¹⁶ LOPEZ, Luiz Roberto. História do Brasil contemporâneo. 7 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994. p. 96-97.

¹⁷ CARONE. op. cit. p. 55.

Após o decreto de neutralidade, o governo brasileiro continua a manter relações comerciais e de amizade com a Alemanha e a Itália. O Brasil procura não se definir, ou melhor, se define sempre a favor dos países que se antepõem àqueles que tradicionalmente foram dominantes no Brasil: Inglaterra, França e Estados Unidos. Porém, a política de Getúlio Vargas não seria tão ingênua a ponto de se ligar ostensivamente à Alemanha, quando isso incomodava o poderoso vizinho do norte. Vargas, no fundo, estava jogando com as rivalidades interimperialistas com vistas a obter recursos para a construção da Usina de Volta Redonda.

No início de 1940, após o fracasso das negociações com a United States Steel, Vargas volta-se para a Alemanha, renovando contactos com a Krupp, que se dizia interessada no projeto siderúrgico brasileiro.¹⁸

A estratégia do governo brasileiro dá certo e os Estados Unidos acabam financiando o projeto. A política brasileira começa a tomar novos rumos, mudando de posição em face do Eixo. A ajuda americana na construção da Usina de Volta Redonda e o começo da derrota germânica na Europa tiveram peso decisivo na guinada que a política interna nacional sofreu então. A neutralidade, com certa simpatia pelas forças do Eixo, transformou-se numa espécie de antinazismo decidido, em que o alvo poderia também ser o Brasil. O acordo de Washington, a posição do governo brasileiro quase que favorável às potências do Eixo, quebrada pelo financiamento americano na construção da usina, aliada à pressão norte-americana e, principalmente, a direta participação dos Estados Unidos na guerra pôs termo à neutralidade brasileira, como acontecera na primeira conflagração mundial e fez com que o Brasil rompesse suas relações diplomáticas com a Alemanha, a Itália e o Japão. Os atos com que o Brasil efetivou essa atitude revelaram de maneira irrefutável a decisão brasileira de prevenir-se contra as agressões do Eixo, na iminência de serem desencadeadas contra esse hemisfério. Essas providências apressaram a entrada do país na guerra e, talvez, tenham

¹⁸ TRONCA, Ítalo. O Exército e a Industrialização: entre as armas e Volta Redonda. In: FAUSTO, Boris (org). História geral da civilização brasileira: o Brasil Republicano: sociedade e política (1930-1964). 3 ed. São Paulo: Difel, 1986. p. 355.

sido os fatores que possibilitaram a maior hostilidade nazista, que se traduz nos afundamentos de navios brasileiros no Atlântico.

Os navios brasileiros costumavam viajar para os países amigos, particularmente os Estados Unidos, aos quais forneciam importantes elementos para sua economia de guerra, em fase de expansão. Inconformadas, a Alemanha e a Itália iniciaram uma guerra submarina contra a nossa navegação comercial. A agressão teve início a 16 de fevereiro de 1942 com o afundamento do navio Buarque. De nada adiantaram os protestos diplomáticos: continuou a violência, sendo afundados outros navios, apesar de o Brasil ter reafirmado os propósitos de neutralidade.

Já havendo desrespeitado a zona de segurança marítima estabelecida na Conferência Interamericana do Panamá, em 1939, os submarinos do Eixo atacavam e afundavam a pacífica navegação de cabotagem brasileira, sacrificando vidas de inocentes tripulantes de navios mercantes.¹⁹

As atrocidades nazistas continuariam, agora em águas nacionais, quando a frota do Eixo afunda várias embarcações na costa da Bahia. Os jornais da época massificavam a idéia da revanche com manchetes que tinham grande alcance emocional. A opinião pública, tendo a frente a juventude, exigiu imediato revide. Reconhece-se o estado de beligerância imposto pela Alemanha e pela Itália. O Brasil entrara na guerra.

O governo brasileiro poderia ter tomado duas atitudes: uma, continuar fornecendo matéria-prima para os arsenais dos países aliados, além de outros produtos essenciais à sua economia de guerra, permitindo a instalação de bases navais e aéreas, e outra, participar efetivamente das operações bélicas. Foi adotada uma participação integral, numa decorrência indireta da posição marítima. É que desde cedo as vistas do alto comando norte-americano se voltaram para o significado militar do Nordeste brasileiro, suscetível de ser atingido por forças aéreas e navais vindas do leste. Ocupada a saliência nordestina, ficaria irremediavelmente comprometida a defesa dos Estados

¹⁹ SCHNAIDERMAN. op. cit. p. 57.

Unidos, entregue a mercê do inimigo o Canal do Panamá, órgão vital para a movimentação interoceânica da esquadra norte-americana. Por ocasião da ruptura das relações com o Eixo realizaram-se alentados estudos para efetivar a defesa daquela região brasileira, a cargo, inicialmente, de forças nacionais, equipadas com material norte-americano. Foi importante o papel desempenhado pela Comissão Mista de Defesa Brasil-EUA, fruto do acordo de 23 de maio de 1942, que veio dar organicidade à série de entendimentos levados a efeito por militares representantes de ambos os países, com o fim de assegurar a integridade do Nordeste, incluído no cinturão de defesa estratégica dos Estados Unidos. Caracterizou-se o compromisso brasileiro de cooperação integral com os Estados Unidos, no caso de agressão ao continente pelos membros do Eixo:

Com o agravamento dos conflitos e os sucessos iniciais de Rommel no norte da África, o governo norte-americano obteve autorização, em 1942, para construir bases aéreas em Belém, Natal e Recife, em condições de apoiarem o deslocamento de forças e de suprimentos para o norte da África.²⁰

O governo de Vargas, já que não podia mais optar livremente entre os países fascistas e democráticos, o único caminho é ficar do lado dos países antifascistas. Da neutralidade à participação ativa na guerra o caminho é curto. O torpedeamento dos navios brasileiros, a pressão popular, apoiada e incentivada pelos estudantes, comunistas e liberais, o caráter trágico dos fascismos e a pressão democrática mundial somam-se à pressão política interna e o governo brasileiro é obrigado a declarar guerra ao Eixo. Na oportunidade, os Estados Unidos aproveitam a decisão do governo brasileiro para estabelecer as bases da sua política imperialista.

Na reunião da Comissão Mista de Defesa em Washington, em janeiro de 1943, o Almirante Spears, membro da delegação norte-americana, propôs a participação do Brasil na ofensiva que se articulava contra os países do Eixo na Europa, visto

²⁰ PEDRO. op. cit. p. 47.

haver desaparecido o temor de um ataque importante de forças adversas à costa nordestina brasileira.²¹

Desse modo, embora o acordo de maio de 1942 prescrevesse posicionamento defensivo para nossas forças, a delegação brasileira não pôde deixar de levar em consideração a sugestão apresentada: caracterizava o “apelo” de um vizinho.

Apareceu, portanto, no curso das negociações oficiais, a idéia da participação efetiva do Brasil na guerra, com forças terrestres. Convém não esquecer que o país necessitava de prover a defesa da extensa faixa atlântica, para o que não possuía recursos militares adequados; segundo, eram precisos meios de desenvolver a indústria bélica, de base e a própria infra-estrutura dos transportes terrestres, pois as vias marítimas se encontravam sob constante ameaça dos submarinos inimigos. O governo brasileiro antevia os benefícios que adviriam para o Brasil dessa efetiva participação, com o vantajoso crescimento de um dos seus mais importantes objetivos nacionais permanentes: o prestígio internacional, mesmo tendo que sacrificar algumas vidas. Desse modo, o esquadrão tupiniquim se formaria para enfrentar o desconhecido.

A delegação brasileira expôs o problema ao governo, sugerindo-lhe a organização de um Corpo de Exército, como base da contribuição ofensiva de ultramar. (...) Uma comissão mista, em abril de 1943, empreendeu estudos básicos para a organização de uma força expedicionária. (...) Fora expedida uma portaria que estruturava a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, 1ª DIE.²²

Chamou-se de Força Expedicionária Brasileira (FEB) ao contingente militar que tomou parte ativa na campanha da Itália, lutando ao lado dos aliados, no segundo semestre de 1944 e primeiro de 1945. *A determinação do governo brasileiro era de enviar à Itália três divisões de infantaria, além de elementos de apoio, num total de 60.000 homens*²³. O contingente, organizado em unidades semelhantes às do exército

²¹ SCHNAIDERMAN. op. cit. p. 129.

²² Ibidem. p. 168.

²³ Ibidem. p. 192.

norte-americano, estava subordinado à direção estratégica do alto comando americano. Entretanto, apenas a primeira divisão participou da luta.

A mobilização do Estado Novo para o recrutamento, que abordaremos mais adiante, foi bastante veiculada pela imprensa, atingindo os rincões do país. Assim, convocados repentinamente para participar da Segunda Guerra Mundial, de todas as partes do Brasil, soldados brasileiros se viram obrigados a pegar em armas para defender uma democracia que não existia em seu próprio país, um estado de amargura e perplexidade diante de uma situação aparentemente sem sentido, onde o descompasso entre a aparência grandiosa e espetacular da guerra e o estado de medo e incerteza se fez presente nas muitas publicações jornalísticas e, principalmente, nas suas memórias, antes, durante e após o conflito.

Capítulo III

O Começo do Fim²⁴

Filas de rostos pálidos murmurando, máscaras de medo,
O tempo bate vazio e apressado nos pulsos,
E a esperança, de olhos furtivos e punhos cerrados,
Naufraga na lama. Ó Jesus, fazei com que isso acabe!²⁵

As luzes se apagam em toda a Europa. Não haveremos a vê-las acender-se em nosso tempo de vida.²⁶

A frase acima, pronunciada por um membro do governo britânico, refere-se a entrada da Inglaterra da Segunda Guerra Mundial. Podemos perceber que o conflito representava uma destruição tão grande que o dia seguinte poderia não vir, evidenciando um possível fim da humanidade.

A Segunda Guerra Mundial expôs, praticamente, todos os cantos do planeta às suas magníficas e eficazes criações destrutivas e violentas, demonstrando o ódio inerente de seres humanos do poder político-econômico, fazendo com que a imprensa mundial dedicasse total atenção ao fato, com reportagens que iam da informação à propaganda, despertando, assim, uma admiração tenebrosa na população mundial.

Através de métodos tecnológicos de destruição, a Segunda Guerra Mundial autorizou o emprego da violência que ultrapassou nitidamente as regras da tradição diplomática.²⁷

As violentas investidas do conflito adentrariam o território brasileiro por meio dos veículos de comunicação, onde cada passo foi extensivamente explorado pela imprensa nacional. Nesse sentido, a Bahia e a Chapada Diamantina, conseqüentemente,

²⁴ Manchete de capa do Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 19 de setembro de 1939.

²⁵ Siegfried Sassoon, citado por HOBBSAWN, op. cit. p. 29.

²⁶ Citado por HOBBSAWN, op. cit., p. 30.

²⁷ SARTRE, Jean-Paul. Diário de uma guerra estranha. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 9

receberiam a carga de reportagens oriundas da mais idealizadora forma de tentativa de criar ideologias: o DIP, Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo. Os governos da Primeira e Segunda República sempre tiveram verbas secretas destinadas aos jornais. É assim que, sob a denominação de “matérias pagas”, ou através de notícias oficiosas, determinados jornais fazem o elogio dos grupos situacionistas ou dos governos existentes. Esta relação é denunciada pela oposição, mas o fato se repete sempre.

A partir de 1937, o Governo ditatorial de Getúlio Vargas pensa em organizar órgão específico, que é o DIP, que se tornará cada vez mais poderoso, pois é ele quem vai regular a censura, permitir a saída de novas revistas e jornais, tornando-se assim o órgão coercitivo máximo contra a liberdade de pensamento e de expressão, chegando também aos governos estaduais.

O poder do DIP é tão grande que só ele publica os livros e revistas, exaltando sempre o Estado Novo. Por sua vez, nos Estados existem ramificações denominadas de Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP), que exercem também a censura local e editam publicações.²⁸

Para termos uma idéia desse novo aparelho repressor e controlador social, reproduzimos, abaixo, algumas alíneas da Lei que cria o D.I.P., em 27 de dezembro de 1939. Esse novo método de controle social atingirá todos os meios de comunicação, principalmente os jornais.

Art. 2º O D.I.P. tem por fim:

- a) centralizar, coordenar, orientar e superintender a propaganda nacional permanentemente, como elemento auxiliar de informação dos ministérios e entidades públicas e privadas, na parte que interessa à propaganda nacional;
- b) fazer a censura do Teatro, do Cinema, de funções recreativas e esportivas de qualquer natureza, da rádio-difusão, da literatura social e política, e da imprensa;

²⁸ CARONE. op. Cit., p. 48.

c) dirigir as produções jornalísticas aos interesses da nação.²⁹

Pelo que foi exposto podemos ter uma idéia das produções jornalísticas da época. As notícias sobre a Segunda Guerra Mundial não paravam de chegar ao país. Através do rádio e dos jornais a população baiana ficou sabendo que Hitler invadira a Polônia e que a França e a Inglaterra haviam declarado guerra a Alemanha. Acompanhou os acontecimentos à distância e, aos poucos, foi-se aproximando do palco da guerra. Os jornais registravam todos os acontecimentos na Europa, despertando admiração e curiosidade no povo baiano, principalmente nos mais letrados e na capital, Salvador.

A Segunda Guerra Mundial despertou a eficácia da imprensa mundial, em que veículos de comunicação, como a televisão, demonstraram todo seu poderio de informação e propaganda, pautadas nos importantes passos do conflito, onde foram extensivamente explorados. A capacidade de transmitir imagens a distancia em tempo real transformou a televisão numa das armas mais eficazes de formar opiniões durante o conflito. A televisão já havia sido tecnicamente viabilizada antes da Segunda Guerra Mundial, se popularizando como meio de comunicação durante e principalmente após o término do conflito. Sobre esse tema, o jornal Correio do Sertão de Morro do Chapéu, publica, em 1944, uma manchete que evidencia a vitória absoluta da televisão.

Depois das tenebrosas e mortais imagens da guerra, a televisão se prepara para conquistar os lares, pois o famoso cientista britânico Mr. Baird declarou que depois da guerra será construído um aparelho estereocópio de televisão em cores, o qual será colocado nos mercados mundiais, à disposição de todas as bolsas. Isso quer dizer que todos os lares poderão ter seu aparelho de televisão.³⁰

Essa realidade estava muito distante dos moradores de Morro do Chapéu, pois a maioria da população sequer imaginava o que seria uma televisão. O depoimento da Sra. Jacira Rodrigues retrata muito bem essa situação:

²⁹ CARONE, op. Cit., p. 49.

³⁰ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 17 de novembro de 1944. p. 1

Televisão nem ouvia falar. Às vezes tinha um e outro falando que a gente podia ver as pessoas dentro do aparelho. Aqui é cidade pequena, tudo atrasada. Televisão não tinha nada a ver.³¹

No entanto, jornais baianos vindos de Salvador, como o Diário da Bahia, A Tarde e o Estado da Bahia não perdiam um passo sequer, informando a população todos os principais acontecimentos e rumos que a guerra trilhava e era dessa forma que Morro do Chapéu recebia as notícias.

A realidade na capital baiana, em termos de veículos de comunicação era consideravelmente adiantada se compararmos com o interior do Estado, aonde essas notícias, nas partes mais distantes, chegavam com muito atraso. Porém, a cidade de Morro do Chapéu dispunha de um único rádio, talvez a tecnologia mais avançada que um interior atrasado poderia dispor na época. Pelo rádio os morrenses acompanhavam os noticiários das frentes de batalha. O avanço alemão no leste europeu, a resistência heróica dos soviéticos em Stalingrado, o desembarque na Normandia, as lutas no Pacífico. Uma verdadeira aula de Geografia e Política. Segundo um depoente, o aparelho ficava instalado num prédio, na rua do Fogo, principal via da cidade na época, onde se reuniam políticos, comerciantes e intelectuais, e funcionava com bateria de carro. As notícias eram, geralmente, transmitidas às 20:00 pelo Repórter Esso que seguia a linha estadonovista de controle e formação social, como foi discutido. Nesse momento, uma mínima parcela da população se reunia para ouvir as notícias.

1

Existia um rádio Phillips da sociedade onde se reuniam os diversos sócios interessados nas notícias, especialmente sobre a guerra.³²

Através do depoimento acima pode-se perceber que o acesso ao rádio era restrito à “sociedade do rádio”. Nesses encontros havia uma espécie de ideologia anti-Eixo, em que *os poucos partidários do nazismo não compareciam a essas reuniões*.³³ Após as

³¹ Depoimento, em 23 de agosto de 2003, da Sr^a Jacira Rodrigues, nascida e residente em Morro do Chapéu

³² Depoimento, em 07 de outubro de 2003, do Sr. Lourival Cunegundes, nascido e residente em Morro do Chapéu.

³³ Depoimento, em 07 de outubro de 2003, do Sr. Lourival Cunegundes, nascido e residente em Morro do Chapéu.

reuniões, havia uma certa preocupação em relação aos destinos da guerra e a “sociedade do rádio” tratava de *transmitir as notícias aos menos esclarecidos*.³⁴ Esses procedimentos funcionavam como uma espécie de implantação ideológica, uma vez que os relatos se pautavam, principalmente, nas atrocidades nazistas, despertando medo e ódio na população menos letrada, como também nas investidas das nações aliadas contra o mal nazista, respaldando a política do Estado Novo em que o Repórter Esso foi idealizado para a propaganda, formatada pelo DIP, da guerra dos Aliados, no Brasil, no período da Segunda Guerra Mundial, o que continuaria, mais tarde, na televisão brasileira.

Após a transmissão do Repórter Esso, o que se seguia eram os comentários, geralmente contrários ao Eixo – Alemanha, Itália, Japão, Hitler, Mussolini – pois víamos a personificação do mal nessa parceria.³⁵

Como já foi citado, os jornais da capital informavam a população baiana sobre os acontecimentos do conflito. Porém, adentrando o interior do Estado, podemos constatar que jornais locais faziam também suas manchetes sobre a guerra, com uma linguagem simples, direta e passional, como é o caso da cidade de Morro do Chapéu que possui o Correio do Sertão, o jornal mais antigo do interior da Bahia. As reportagens do Correio do Sertão eram conseguidas por meio do rádio e jornais de circulação estadual e nacional. Porém, todas as manchetes obedeciam a um critério elaborado na própria redação do jornal, como é até hoje.

Em âmbito nacional e internacional nós pegamos as notícias mais importantes, aquelas que realmente interessam à comunidade. Em âmbito local e regional, procuramos estar, sempre que possível, no local, para podermos fazer uma cobertura real do fato. Todos os nossos textos são originais da nossa redação,

³⁴ Depoimento, em 07 de outubro de 2003, do Sr. Lourival Cunegundes, nascido e residente em Morro do Chapéu.

³⁵ Depoimento, em 07 de outubro de 2003, do Sr. Lourival Cunegundes, nascido e residente em Morro do Chapéu.

pois, desse modo, podemos expressar a nossa linguagem, a linguagem da nossa terra.³⁶

Devido principalmente à distância da capital, Salvador, que é de aproximadamente 400 quilômetros (vale ressaltar que o ano é 1939 e o acesso rodoviário é extremamente precário), e a um modo de vida peculiar de interior pequeno, Morro do Chapéu vivia em um mundo onde as informações assumiam um caráter de rumor e qualquer novidade causava admiração, estranhamento e medo. Nesse sentido, a guerra na Europa não passava de uma coisa distante, difícil de se compreender quando comparada à paz generalizada da cidade, pois *nossa visão da guerra era muito limitada ao mundo em que vivíamos e se limitava ao nosso horizonte*³⁷, conclui o Sr. Lourival Cunegundes.

Através do jornal Correio do Sertão, periódico fundado em 1917, Morro do Chapéu sentiu, nas entrelinhas dos textos produzidos na redação do jornal, o perigo que a Segunda Guerra Mundial representava para o mundo. Todas as matérias sobre o conflito eram, em sua maioria, de primeira página. Com uma linguagem passional e escatológica, o Correio do Sertão anuncia o início da guerra na Europa:

Estalou a guerra na Europa. Surgiu, como todo o cortejo de luto, de sofrimento, de dor a hecatombe terrível que os corações bem formados tantos desejavam fosse afastada da humanidade, afflictiva e suppliciada por tão duras provações!³⁸

A partir de textos como este, o povo letrado de Morro do Chapéu tratava de atualizar as notícias à comunidade, estabelecendo discursos trágicos de um possível fim da humanidade que refletia uma conjuntura de inquietação, curiosidade e admiração na população local.

³⁶ Depoimento, em 25 de agosto de 2003, do Sr. Paulo Gabriel, 65 anos, nascido e residente em Morro do Chapéu.

³⁷ Depoimento, em 07 de outubro de 2003, do Sr. Lourival Cunegundes, nascido e residente em Morro do Chapéu.

³⁸ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 17 de setembro de 1939, p. 1.

Muita gente falava que era o fim, tanta conversa, tanta tristeza. O povo dizia que era negócio feio, muitas mortes e as pessoas maltratadas no campo. Eu ficava impressionada com aquilo.³⁹

A carga intensa de emoção de capa da matéria que abre o periódico nº 1.126, de 17 de setembro de 1939, apresenta-se como uma espécie de choque na alma da população local, onde o conflito na Europa parecia significar a destruição total da raça humana: *o começo do fim da civilização!*⁴⁰ Respalhando essa visão escatológica do Correio do Sertão, podemos citar Eric Hobsbawn, quando este afirma que a *Segunda Guerra Mundial não significou o fim da humanidade, embora houve momentos em que o fim não pareceu muito distante.*⁴¹

Todo esse aparato de compaixão, apelo e emoção apresentado nos textos do Correio do Sertão instigava a admiração e a curiosidade da população morrense, levando a comunidade a participar do contexto da guerra através de discussões em locais públicos, como bares, praças e esquinas. No entanto, as discussões sobre o assunto se resumiam a uma mínima parcela da população, pois a Segunda Guerra Mundial representava um boato para a grande maioria, um fato totalmente fora da realidade local. O acesso à produção jornalística do Correio do Sertão era restrito e só a gente letrada tinha esse privilégio. Nesse sentido, Morro do Chapéu não fugia da realidade educacional da época na Bahia, em que o analfabetismo atingia números alarmantes.

O predomínio absoluto da sociedade rural sobre a urbana (88%) e o elevado número de analfabetos (92%) limitava o interesse pelo conflito.⁴²

Apesar disto, as discussões e os comentários a respeito do conflito atingiam um grau significativo de participação. Os morrenses estavam, timidamente, se inserindo no contexto da guerra. As manchetes apresentadas do Correio do Sertão despertavam o

³⁹ Depoimento, em 19 de fevereiro de 2004, da Sr^a Joselita Rodrigues, 76 anos, nascida e residente em Morro do Chapéu.

⁴⁰ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 17 de setembro de 1939, p. 1.

⁴¹ HOBBSAWN, op. cit., p. 34.

⁴² SAMPAIO, Consuelo Novais. A Bahia na Segunda Guerra Mundial. In: O Olho da História. Salvador: Oficina Cinema-História, 1995. p. 86.

interesse, talvez até mesmo na população menos letrada que, apesar de não ler as matérias, discutiam em bares e esquinas, mesmo indicando um fato que jamais os morrenses poderiam conviver. No entanto, a política do Estado Novo, adotando uma posição de neutralidade, incita a população a respeitar esse acordo, proibindo as discussões sobre a guerra na Europa em todo o território nacional, o que é seguido pela população de Morro do Chapéu.

Afim de manter a neutralidade do Brasil com relação a actual guerra européa, o governo da nação tem tomado várias medidas de importância, dentre as quais a que vae exposta no telegrama abaixo:

BAHIA, 6 – Prefeito Municipal de Morro do Chapéu – Senhor Interventor manda vos transmittir, recommendando tomeis devidas providências para seu cumprimento telegrama Snr. Ministro da Justiça: “Diante situação creada guerra européa, tenho honra solicitar vossencia determinar autoridades estaduaes, municipaes adequadas para prohibir, especialmente nas zonas estrangeiras, toda discussão publica sobre guerra, vedado pró ou contra manifestações qualquer dos paizes em luta ou com possibilidades entrar no conflito.” Saudações – Raul Baptista de Almeida⁴³

Além de reproduzir o telegrama acima, o Correio do Sertão, no intuito de acalmar a ebulição popular local frente aos assuntos da guerra, publica, ainda, essa manchete, evidenciando sua posição de total apoio e conivência à ditadura personalista do Estado Novo:

O Brasil adotou uma sábia política de rigorosa neutralidade... Precisamos cuidar de nós mesmos, isto é, ativar o programa de reconstrução do Brasil que é o ponto de honra do Estado Novo, do dinamismo brasileiro, o Presidente Getúlio Vargas, sob o ponto de vista político quanto sob o aspecto econômico.⁴⁴

A Segunda Guerra Mundial representou uma crise para a indústria nacional em expansão. Seu efeito imediato foi breçar o crescimento industrial devido à queda nas

⁴³ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 17 de setembro de 1939, p. 1.

⁴⁴ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 16 de junho de 1940, p. 1.

importações de máquinas, equipamentos e produtos manufaturados. A posição de neutralidade do governo brasileiro, não manifestando seu apoio nem aos Aliados nem aos países do Eixo, apesar de mostrar clara simpatia pelos regimes fascistas, garantiu algumas vantagens comerciais. Porém, a pressão norte-americana alterou a decisão do governo brasileiro. A declaração de guerra às potências do Eixo acentuou ainda mais esse quadro. Em seu livro "História Econômica do Brasil", Caio Prado Junior afirma que a declaração de guerra indica a difícil situação que a economia brasileira enfrentará, como a falta de produtos básicos como combustíveis, uma vez que *Alemanha e Japão eram os principais parceiros econômicos e grandes fornecedores do Brasil*.⁴⁵ Em Morro do Chapéu, o Correio do Sertão publicou a seguinte manchete em relação à questão econômica, levantando dados sobre o dinamismo comercial entre o Brasil e o Corredor Polonês:

Muita gente ignora que Dantzig, que está em foco e aparentemente é o ponto de discórdia que ameaça levar a guerra muitos países da Europa, mantém um comércio intenso com o Brasil.⁴⁶

O interesse pelo conflito aumentava à medida que a gente letrada local relatava os acontecimentos. A Segunda Guerra Mundial, por se tratar de um acontecimento global, não em termos de participação direta de todas as nações, mas sim de conseqüências, representava uma ameaça às bases sociais, políticas e econômicas do Brasil. A cidade de Morro do Chapéu esteve inserida nesse contexto, uma vez que a guerra passou a afetar a incipiente economia local, promovendo uma mudança sutil no comportamento da sociedade, onde a insegurança e a precaução passaram a acompanhar comerciantes e intelectuais. O depoimento abaixo do Sr. Lourival Cunegundes respalda essa afirmação:

Existia a preocupação de todos com o desenrolar dos acontecimentos, com reflexo em todas as camadas sociais, pois o Brasil era dependente de quase todos os produtos comercializados em nosso território. Racionamento de combustível e, conseqüentemente, outros produtos básicos sumiram, pois não só os países

⁴⁵ PRADO JUNIOR, Caio. História Econômica do Brasil. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 314.

⁴⁶ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 24 de setembro de 1939, p. 1.

aliados, como também a Itália e a Alemanha nazista, grande parceiro comercial, em que o Brasil vendia matéria-prima e comprava produtos manufaturados. Tudo isso, praticamente, parou com a guerra e todos sofreram as conseqüências.⁴⁷

O cenário apocalíptico na óptica do Correio do Sertão, em relação ao conflito, aumentará na medida em que a guerra deixa de ser localizada e passa a atingir novos horizontes. O ataque japonês à base norte-americana de Pearl Harbor, no Pacífico, precipitou a entrada dos Estados Unidos na guerra. Esse fato abalou as estruturas do continente americano, uma vez que ficou acordada a neutralidade da América. Porém, na Conferência de Havana, aprovou-se um dispositivo de segurança continental, pelo qual *um país agredido contaria com o apoio incondicional de todas as outras nações americanas*.⁴⁸ Desse modo, a neutralidade brasileira é abalada e o temor de o país entrar no conflito é evidente. Essa evidência é estampada em artigo do Correio do Sertão em 14 de janeiro de 1942 intitulado *O Brasil entrará na guerra?*⁴⁹, transcrito e analisado a seguir:

Ninguém faz outra pergunta senão essa. A possibilidade do Brasil declarar guerra aos países do “eixo” aumenta dia a dia. A luta nipo-norte-americana é unicamente naval e só o que poderíamos fazer seria mandar forças do nosso exército para os Estados Unidos. Ora, as nossas forças são cada vez mais necessárias aqui no Brasil e por isso não serão enviadas para exterior. O Brasil está entregue nas mãos seguras do presidente Vargas e este, não nos colocará em posição de perigo. Cumpriremos nossos tratados e todas as convenções firmadas entre as nações americanas: seremos inimigos do totalitarismo e empunharemos armas ao primeiro movimento de ataque contra a América. O papel que deveremos desempenhar será em nossa própria terra. Além disso, os Estados Unidos não precisam de nós para lutar contra o Japão. O continente americano

⁴⁷ Depoimento, em 07 de outubro de 2003. do Sr. Lourival Cunegundes, nascido e residente em Morro do Chapéu.

⁴⁸ HOBBSAWN, op. cit., p. 75.

⁴⁹ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 14 de janeiro de 1942, p. 1.

sim, necessita da nossa força para garanti-lo contra a realização dos planos infames do hitlerismo.⁵⁰

Já no início do artigo, podemos perceber uma possibilidade, apresentada pelo Correio do Sertão, antes mesmo de acontecer os ataques do Eixo à navegação de cabotagem nacional em águas internacionais, da entrada do Brasil na guerra. Todavia, podemos observar a posição ainda indefinida do governo Vargas em relação ao conflito. De certa maneira, a manchete do periódico estampa uma grande dualidade no que se refere às determinações diplomáticas estabelecidas no continente, principalmente com relação aos Estados Unidos.

A partir do momento em que navios brasileiros são afundados em águas nacionais surge a idéia de que a guerra não é mais distante. O sentimento de repulsa aos países do Eixo, principalmente em relação à Alemanha, se aclara, e o povo brasileiro, mobilizados pelo discurso do Governo Federal, abraça a causa e começa a se formar uma ideologia antigermanista. Por todos os lados do país existia a sensação de revolta, de traição, de covardia. A união popular era preciso e os discursos dos jornais refletem uma conjuntura de inquietação, insegurança e revoltas sociais. A imprensa alertava a população para a importância da unidade social, uma vez que *não estamos em guerra. Mas já não estamos em paz!*⁵¹

O Correio do Sertão, movido e conivente pelo discurso mobilizatório do Estado Novo, procura arregimentar os morrenses para uma aparente construção de uma unidade anti-Eixo. A matéria sobre os afundamentos dos navios brasileiros segue a mesma tendência dramática, onde *os horrores do momento*⁵² levaram alguns morrenses ao desejo patriótico de vingança e guerra efetiva contra os alemães e seus aliados, principalmente porque os ataques se deram no litoral da Bahia, demonstrando que o perigo estava muito próximo. Os trechos a seguir pertencem à mesma manchete. Percebe-se novamente a carga pesada de emoção, alimentando a imaginação e o sentimento de ódio, numa espécie de convocação popular para que a repulsa aos alemães também se consolide em Morro do Chapéu.

⁵⁰ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 14 de janeiro de 1942, p. 1.

⁵¹ Diário da Bahia, Salvador, 20 de junho de 1942, p. 1.

⁵² Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 25 de agosto de 1942, p. 4.

...A frota mercante brasileira acaba de perder mais cinco dos seus navios, torpedeados covardemente pelos infames submarinos do Eixo.

Foi tão brutal e inesperada a ação covarde do grande inimigo, que não houve tempo sequer para qualquer medida de salvamento... sem suspeita que o assassino rondava sinistro. Nesse momento, Morro do Chapéu não pode ficar indiferente a essa tirania de Hitler, pois muitas mulheres e crianças foram sacrificadas à sanha voraz dos Neros do século XX!⁵³

Após esses episódios, o povo morrense se ateve mais aos problemas advindos da guerra. Já mencionamos que o fraco comércio local começava sentir as conseqüências, em que a possibilidade de racionamento de produtos básicos parecia inevitável. A eminência de o Brasil entrar no conflito adiantou essa possibilidade e já em abril de 1942 o Correio do Sertão publicava uma matéria intitulada *esbanjar é lutar contra o Brasil*⁵⁴, onde fazia uma espécie de convocação a toda comunidade morrense para cooperar, no sentido de ceder ao apelo de racionamento como prova de patriotismo.

As circunstancias impõe-nos uma dura economia de guerra. Estamos diante de um conflito terrível. Os agressores já nos arrebatarem algumas vidas preciosas. As conseqüências da luta já afetam nossos lares. Todos, velhos e novos, grandes e pequenos, temos o nosso posto de combate. Economisar também é defender o Brasil. Não esbanjemos, pois, chegou a hora dos sacrifícios e das abnegações!⁵⁵

Percebemos, através da citação, que o Correio do Sertão procurava arregimentar a população local para a compreensão de que o povo morrense também não estava mais seguro e a necessidade de Morro do Chapéu se enquadrar à situação criada pelo emergente estado de guerra da nação era fato. O motivo da distância geográfica já não apresentava um obstáculo, pois *o querosene tava acabando, achava que ia chegar aqui e muita gente falava nessa ameaça.*⁵⁶

⁵³ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 25 de agosto de 1942, p. 4.

⁵⁴ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 25 de agosto de 1942, p. 4.

⁵⁵ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 15 de abril de 1942, p. 4.

⁵⁶ Depoimento, em 20 de fevereiro de 2004, da Sr^a Jovenilda Conceição, 71 anos, nascida e residente em Morro do Chapéu.

Através do racionamento de produtos, como a gasolina, a qualidade de vida do baiano deteriorava-se rapidamente. Como em todo o país as atividades econômicas do Estado haviam sido orientadas para atender às necessidades políticas da guerra. A falta de produtos como açúcar, café e até de moedas maltratava o cotidiano da população. A Bahia se preparava para viver tempos difíceis, uma vez que sua produção alimentícia era incipiente para atender a demanda. Restava a importação de produtos do sul do país, aumentando o custo de vida. *O quilo do feijão, que no Rio de Janeiro custava um cruzeiro de sessenta centavos, era vendido na Bahia a dois cruzeiros e quarenta centavos*⁵⁷, ressalta Consuelo Novais Sampaio. A tabela a seguir pode indicar a difícil situação que o povo baiano passava, pois o aumento exorbitante dos preços dos produtos básicos estava aliado aos baixíssimos salários, em que estes não acompanhavam o ritmo das constantes majorações de preços, estabelecendo uma defasagem sem precedentes no pecúlio mensal do trabalhador.

Tabela 1: variação do preço de gêneros básicos (1942-1944)

GÊNEROS	1942	1943	1944
Charque	\$ 2,20	\$ 2,80	\$ 3,20
Café	\$ 5,80	\$ 6,40	\$ 8,40
Carne verde	\$ 5,00	\$ 5,00	\$ 6,40
Farinha	\$ 0,90	\$ 1,00	\$ 1,40
Manteiga	\$ 12,00	\$ 13,00	\$ 23,00
Pão	\$ 2,20	\$ 2,20	\$ 3,00
Feijão	\$ 2,10	\$ 2,40	\$ 3,10

Fonte: Prado Júnior, Caio. História Econômica do Brasil.⁵⁸

A ausência de uma política de Estado que garantisse a produção interna e alimentasse de verdade o povo agravava a situação. Em Morro do Chapéu não era diferente. A pobreza imperava na maioria da população e as dificuldades foram aumentando cada vez mais. O depoimento a seguir revela o quanto a cidade dependia dos poucos serviços públicos, e em particular da prefeitura.

⁵⁷ SAMPAIO, op. cit., p. 97.

⁵⁸ PRADO JUNIOR, op. cit., p. 328.

Morro do Chapéu vivia basicamente dos serviços prestados pela prefeitura. Tudo seguia o rumo da prefeitura. Naquele tempo tudo era muito difícil e tinha muita pobreza.⁵⁹

Além do racionamento dos combustíveis e das dificuldades em conseguir alimentos básicos, o governo federal, com seu discurso mobilizatório de economia de guerra, estende ainda mais a lista de contenção de produtos. Dessa vez recairá sobre os produtos domésticos. Em Morro do Chapéu essa mobilização foi bastante trabalhada, levando alguns morrenses a colaborar voluntariamente com os apelos provenientes do Correio do Sertão e de passeatas de moradores influentes com seus alto-falantes, percorrendo as principais ruas da cidade.

Todo o artigo de aço, de borracha, de alumínio, ou de qualquer matéria-prima estratégica deve ser poupado inexoravelmente, porque forma parte das reservas do nosso arsenal e da nossa própria vida cotidiana e doméstica. Morro do Chapéu também se juntará a causa da nação e contribuirá com essas medidas. Tomemo-las, cada um de nós, por nós mesmos, que é ainda a melhor forma de defendermos o nosso Brasil!⁶⁰

Eu via eles na rua pedindo, com alto-falante, o povo pra cooperar pra arranjar material pra fazer coisa pra guerra. Eles pediam panela de alumínio, ferro. Falava que o presidente pedia ajuda pra Cruz Vermelha.⁶¹

E assim a comunidade morrense participava do contexto da guerra, sofrendo de longe suas conseqüências. O que se seguiam eram os comentários a respeito dos afundamentos dos navios brasileiros e da carestia de vida. Como já foi exposto, o Correio do Sertão elaborava seus textos a partir da paixão e da escatologia. Em relação aos afundamentos dos navios a tendência da redação das matérias continua, mas ganha ainda disposição natural e espontânea para seguir os rumos ideológicos da política de

⁵⁹ Depoimento, em 25 de agosto de 2003, do Sr. Paulo Gabriel, 65 anos, nascido e residente em Morro do Chapéu.

⁶⁰ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 15 de abril de 1942, p. 4.

⁶¹ Depoimento, em 26 de fevereiro de 2004, da Sr^a Rita Bagano, 76 anos, nascida e residente em Morro do Chapéu.

Vargas. Sustentado pelo discurso do Estado Novo, o periódico incita a população local a manter-se coesa, unida, no pressuposto de que alemães são inimigos mortais e precisam ser detidos.

A notícia dos afundamentos em águas baianas ocupou vários dias espaços nas primeiras páginas dos jornais da capital. Os estudantes, em sua grande maioria, percorreram ruas e avenidas de Salvador protestando contra os atentados nazistas. *Um clima de vibração patriótica toma conta da cidade!*⁶² O periódico morrense, procurando esclarecer a comunidade que o patriotismo estava acima de qualquer virtude individual, publica uma matéria de capa intitulada *buscando a cólera do Brasil*⁶³, em que o brio e o pudor do povo brasileiro representam as armas da coragem, onde nenhum brasileiro deverá fugir às suas obrigações patrióticas.

A gravidade do momento que atravessamos exige que todos os brasileiros exibam suas energias físicas e moraes, materiaes e intelectuaes. Fugir aos deveres de brasileiros por questões pessoais é crime de alta traição.⁶⁴

As fortes manifestações antigermânicas preenchem o dia-a-dia da população em Salvador, através de comícios, passeatas e congressos. A influência desses movimentos chega a Morro do Chapéu, porém distancia-se das atitudes dos soteropolitanos. O apego à religião parece ser mais forte em lugares pequenos. Ela constitui-se, acima de tudo, a única solução para dar freio à selvageria da guerra e, principalmente, o eminente estado de beligerância do Brasil. Pensando nessa possibilidade divina, a comunidade morrense realiza uma procissão chamada Procissão do Senhor dos Passos Pela Paz no Mundo, onde foi seguida pela maioria da população. Porém, mesmo em se tratando de religião, a comunidade demonstrava uma certa prioridade às elites, como podemos perceber na citação:

Conforme se esperava, realizou-se nesta cidade no Domingo passado, 20 do corrente, sob crescida assistência, a imponente procissão, que, em suplicas de fé

⁶² Diário da Bahia, Salvador, 25 de agosto de 1942, p. 3.

⁶³ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 25 de agosto de 1942, p. 1.

⁶⁴ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 25 de agosto de 1942, p. 1.

e devoção pela cessação da guerra e pela paz do mundo, foi promovida por exmas. Senhoras da nossa melhor sociedade.⁶⁵

Com os sucessivos afundamentos dos navios brasileiros em águas baianas, o país resolve aderir ao conflito ao lado dos Aliados. A partir daí, o sentimento popular era de ódio ao povo de Hitler. *Existia uma forte convicção de que os alemães preparavam-se para invadir o Brasil, e a Bahia seria, conseqüentemente, o principal alvo.*⁶⁶ O clima de animosidade, fortemente estimulado pela imprensa, transformou alemães em inimigos convictos. Os protestos em Salvador estenderam-se por dias, e sua intensidade tornou-se proporcional à *guerra sem quartel ao quinta-colunismo*⁶⁷ promovida pela imprensa. Em Morro do Chapéu é o Correio do Sertão quem trata de informar a população, insuflando, publicando manchetes de acordo com a situação política local em conformidade com os discursos do governo federal.

Devemos nos precaver não só contra o perigo de uma agressão externa como, principalmente, contra a ação destruidora e subterrânea dos inimigos internos, sabotadores da unidade nacional, quinta-colunistas.⁶⁸

Segundo Consuelo Novais Sampaio, a repressão aos estrangeiros de origem alemã foi mais forte na Bahia, uma vez que *o total de pessoas presas, de 1942 a 1945 foi de 156, sendo 141 alemães, 10 italianos e 01 japones.*⁶⁹ Seguindo a tradição repressora do Estado Novo e dos exemplos da Bahia Grande, como é apelidada Salvador, o periódico morrense procura mais uma vez mostrar a comunidade que os alemães são inimigos e precisam ser varridos e perseguidos o mais rápido possível.

Quando a Pátria está em perigo não tenhamos contemplações, nem sejamos condescendentes com os nossos inimigos. Apontemo-los as nossas autoridades constituídas para o castigo merecido. Vigiem, de perto, os passos dos quinta-colunistas, pois eles podem estar aqui entre nós, elementos deletérios que

⁶⁵ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 25 de setembro de 1942, p. 1.

⁶⁶ SAMPAIO, op. cit., p. 98.

⁶⁷ Diário da Bahia, Salvador, 30 de agosto de 1942, p. 3.

⁶⁸ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 05 de julho de 1942, p. 1.

⁶⁹ SAMPAIO, op. cit., p.104.

passeiam, muitas vezes, à nossa roda, como verdadeiros detritos abjetos dos fascinoras de Hitler! Peguemos à gola, com pulso firme, os súditos do tirano que vivem à sombra da nossa hospitalidade. Entreguemo-los à Polícia para que eles sigam, de pá e picareta, às costas, como sentenciou o dínamo brasileiro Getúlio Vargas, em busca de trabalho nos nossos campos!⁷⁰

A representação da Segunda guerra Mundial estabelecida no Correio do Sertão é escatológica e apocalíptica. Isso causava intensa excitação ao povo letrado, onde, nos momentos de leitura das manchetes, idealizavam uma espécie de teatro trágico, envolvendo todo o público presente. Os textos do periódico se preocupavam em achar uma resposta para tamanha falta de humanidade, apontando a *índole humana, dos interessados que torturam os homens, das ambições que lhes cegam e conturbam os sentimentos mais nobres*⁷¹, os principais fomentadores do conflito. Isso nos faz recorrer ao lado mais sombrio do ser humano que, através de uma guerra de ideologias que desviava a economia para sua produção, *liberava o potencial latente de crueldade e violência inerentes*.⁷²

O interesse pelos rumos da guerra iria aumentar para os morrenses. A convocação repentina de um de seus filhos para compor a FEB, Força Expedicionária Brasileira, nos campos sanguinários da Itália, provocou a união entre os moradores. Uma união recheada de medo, tristeza, esperança, diante de um fato que não estava nos planos da comunidade, principalmente dos familiares do soldado. Desse modo, familiares e amigos se viram obrigados a aceitar a dura realidade da guerra que parecia tão distante, estabelecendo um estado de amargura e perplexidade diante de uma situação aparentemente sem sentido.

⁷⁰ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 15 de outubro de 1942, p. 2.

⁷¹ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 17 de setembro de 1939, p. 2.

⁷² HOBBSBAWN, op. cit., p. 36.

Capítulo IV

Lembranças de Uma Guerra Estranha

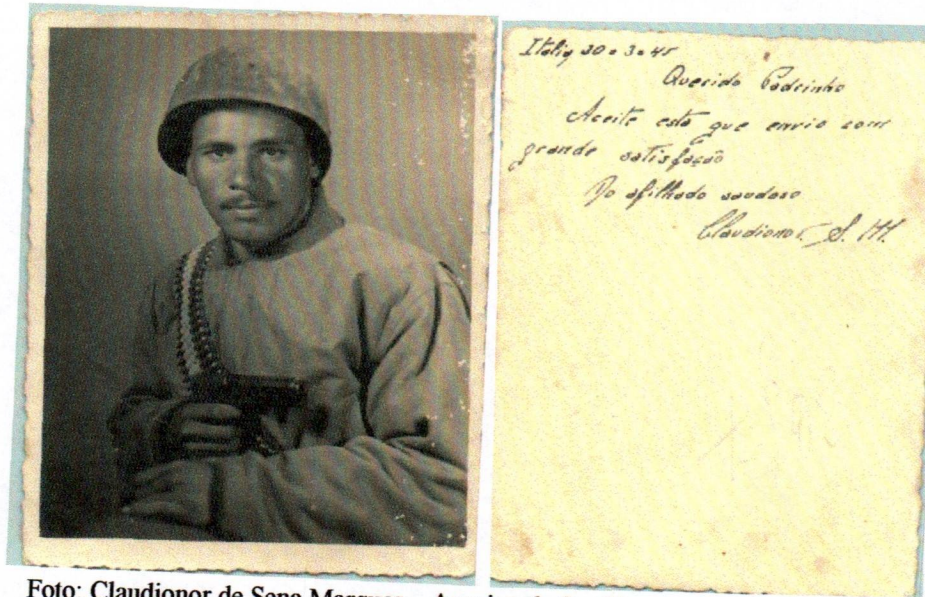


Foto: Claudionor de Sena Marques – Arquivo da família.

Felizmente a notícia de última hora
Eu vou embora Lili, eu vou embora
A minha fantasia de titi
Eu dei ao meu irmão mais velho
Que se habilita por mim.⁷³

A estrofe acima era proferida, em forma de canto, diversas vezes, por um parente do soldado morrense que participou ativamente com a Força Expedicionária Brasileira na campanha da Itália durante a Segunda Guerra Mundial. Essa maneira de se expressar apresentava uma situação ambígua, em que se misturavam momentos de descontração e preocupação para os familiares do pracinha, uma vez que a representação da guerra era tida como horror e morte, fim de mundo.

A guerra pra gente era destruição em massa e a gente não tinha esperança dele voltar. Era bom quando a gente sentava e lembrava dele, da criança. Mesmo assim mamãe ficava muito aflita, pois tinha um irmão nosso, era o mais velho,

⁷³ Depoimento, em 20 de fevereiro, da Sr^a Jovenilda Conceição, 70 anos, nascida e residente em Morro do Chapéu.

ele chegava da rua, sentava, pegava um tamborete, ficava batendo e dizendo que ia também pra guerra. Ave-Maria, a gente ficava tudo com medo. Ele falava: se me chamar eu vou e cantava uma música, batendo no tamborete.⁷⁴

O ano de 1942 marcou profundamente a vida dos baianos devido aos afundamentos dos navios brasileiros no litoral da Bahia. Assim, o estado de beligerância era inevitável e as conseqüências da guerra deixaram um ar de temerosidade e efervescência na alma do povo baiano. Consuelo Novais Sampaio afirma que o aparelho repressor estadonovista *procurou manter as forças da sociedade sob o seu controle, mas represadas, permaneceram em ebulição.*⁷⁵

Além da questão de patriotismo deflagrada pelo estado de beligerância, onde a ideologia do Estado Novo tratava de insuflar a mentalidade dos brasileiros, a imprensa alertava a população para a importância da unidade social nesses tempos de guerra. Desse modo, surgia um aspecto mobilizatório que incentivava arregimentar a população para estabelecer uma autodefesa, dentro dos limites territoriais e marítimos nacionais. Segundo Roney Cytrynowicz a existência do front interno permitiu que, via mobilização, *os Estados interviessem em escala ampliada, em todas as esferas da vida civil e privada.*⁷⁶

O governo federal trabalhou intensamente o seu poder de mobilização, em que a construção de uma unidade nacional tornou-se um elemento de extrema importância, peça-chave de uma política sutilmente persuasiva de mobilização civil. Os discursos paralelos que proporcionavam um conhecimento generalizado do perigo e criavam uma atmosfera global de medo acabaram por despertar, na maioria da população, um patriótico desejo de guerra efetiva contra as nações do Eixo.

A intensificação da mobilização popular a favor da guerra vai se aproximando a um estado de alerta geral quando os alemães atacavam a costa brasileira, causando baixas consideráveis à navegação de cabotagem nacional. A partir do alinhamento com os Estados Unidos, Getúlio Vargas passou a promover medidas para uma eventual participação do Brasil na guerra. O Nordeste fora convocado para a luta e o povo

⁷⁴ Depoimento, em 20 de fevereiro, da Sr^a Jovenilda Conceição, 70 anos, nascida e residente em Morro do Chapéu.

⁷⁵ SAMPAIO, op. cit., p. 85.

⁷⁶ CYTRYNOWICZ, Roney. Guerra sem guerra: a mobilização em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Geração Editorial/EDUSP, 2000. p. 82.

baiano, estimulado pelo discurso oficial e pelo clima motivador gerado pelas agressões do Eixo, começou a vivenciar efetivamente o clima de guerra.

O estado de alerta geral foi maciçamente veiculado pela imprensa. Os periódicos baianos incitam a população no que diz respeito a uma cooperação patriótica. A população de Morro do Chapéu recebe a carga dessa mobilização através do Correio do Sertão. Após ter informado sobre os horrores nazistas em águas nacionais, está na hora de abraçar de vez, com fervorosidade patriótica, a causa nacional, logo após o rompimento do Brasil com as nações do Eixo. O periódico incita a população local para cooperar, reforçando através de uma linguagem de grande alcance emocional, estabelecendo a responsabilidade e o compromisso de um povo que não foge de seus deveres como cidadãos brasileiros e despertando, assim, o patriotismo e o ufanismo nacionalistas locais. O jornal faz uma espécie de preparação, onde o momento pode chegar e o Brasil, com certeza, poderá contar com a população de Morro do Chapéu, pois, seguindo a ideologia de Vargas e suas promessas, os morrenses não precisarão temer o perigo, estarão sempre em mãos seguras.

O Snr. Prefeito deste Município, recebeu em 31 do mez passado, por telegrama do Exmo. Snr. Dr. Landulpho Alves de Almeida, Interventor Federal neste Estado, a comunicação do Exmo. Snr. Ministro da Justiça, de haver o Governo da República rompido as relações diplomáticas com o Japão, a Alemanha e a Itália.

Confiando o Governo Federal, como o Governo Estadual, que encontrará, por parte desta Prefeitura, nos seus funcionários e na população da comuna a mesma unidade de sentimento e o mesmo pensamento já demonstrados pelos interesses do Brasil. Todos devem reconhecer no Presidente da República o orientador seguro, de inteligência excepcional, de conhecimento perfeito da realidade brasileira, de percepção nítida dos nossos interesses. Nada mais devemos fazer do que seguir-lhe os passos.⁷⁷

O alistamento militar obrigatório toma fôlego maior durante o Estado Novo, quando o processo nacional de mobilização, através de um discurso de superação das

⁷⁷ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 13 de fevereiro de 1942, p. 1.

afetividades pessoais, além de reforçar a idéia de que servir às Forças Armadas se aproximaria do dever cumprido pelo filho digno a uma mãe atenta e cuidadosa para com os seus, que é a Pátria, estabelece o medo do não cumprimento às regras do recrutamento através de ameaças de penalidades estabelecidas nos *Regulamentos Militares e Código Penal do Exército*.⁷⁸ Portanto, a idéia do não comparecimento às Juntas de Serviço Militar não se cogitava. A idéia do governo era dispor do maior número de voluntários possível.

A Pátria é a mãe maior! É nossa protetora! Em virtude do Estado de Guerra, o Presidente Getúlio Vargas já decretou a mobilização geral em todo o Paiz, estando todos os brasileiros, filhos da nossa grandiosa Pátria-Mãe, sujeitos a ser chamados para defender a soberania do Brasil.⁷⁹

Os acontecimentos na Europa foram tomando conta dos baianos que, sem perceberem, já estavam sendo convocados para a guerra. Surge o voluntariado, o sorteio, a convocação. O número dos convocados crescia e, em maio de 1944, haviam seguido para o Rio de Janeiro cerca de 600 voluntariados.⁸⁰ As autoridades federais, civis e militares estendem a lista de convocados e os baianos deveriam ser incorporados à Força Expedicionária Brasileira. O discurso oficial enfatiza a honra que estava sendo oferecida ao cidadão sorteado para servir à Pátria nas forças armadas. Em Morro do Chapéu, a imprensa local fez sua parte, exaltando o voluntariado baiano como mais uma prova de que a Bahia também foi vanguarda nesse momento da história nacional, através de um discurso que tinha por objetivo estimular o desejo de revide contra as nações do Eixo, num ritmo que mais se aproximava aos grandes espetáculos dos governos totalitários que procuravam arregimentar o máximo de seguidores possíveis.

A Bahia jamais desmentiu o seu passado glorioso. Ontem como hoje, quando se faz sentir a manifestação do seu devotamento para com a Pátria, ei-la, altaneira e galharda como sempre, formando na vanguarda. É um consolo e, pois, uma demonstração de vivido patriotismo quando sabemos que mais um bravo, mais

⁷⁸ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 25 de março de 1942, p. 1.

⁷⁹ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 25 de setembro de 1942, p. 4.

⁸⁰ SAMPAIO, op. cit., p. 39

um intrépido bahiano integrou-se no Exército Nacional, onde terá oportunidade de destemerosamente derramar o seu sangue pela Pátria estremeçada. Avante, pois! O vosso gesto frutificará em glórias para a nossa terra e para a nossa gente!⁸¹

A realidade da guerra se aproxima cada vez mais dos morrenses. Movidos pelas investidas discursórias das autoridades federais, em que a coragem e o patriotismo foram elementos norteadores de campanhas durante a guerra, o povo de Morro do Chapéu, principalmente os letrados, procurava arregimentar os jovens recrutas para a possibilidade da convocação, onde a honra, o amor à Pátria acima de tudo superará qualquer sacrifício, pois a glória é certa e as possibilidades de transformação e perspectivas sociais também. Podemos perceber a ênfase dada ao soldado no artigo abaixo, em que o texto aborda o papel preconceituoso e sem perspectiva que o soldado representava, exalta de forma clara a certeza de que o militarismo serve para corrigir e direcionar o homem para o caminho do bem, uma vez que seu pensamento esteja uniforme e voltado unicamente para os preceitos estabelecidos pelas leis da nação, onde o orgulho em vestir a farda, a certeza de que está fazendo a coisa certa servindo as ordens do governo, servirão para a grandeza da personalidade, em que a figura do herói é maciçamente explorada associada às questões mais vinculadas às virtudes humanas como a família, massificando a idéia do homem que cumpre seus deveres, do bom e honroso chefe do lar que ama sua família, mas deve muito mais à Pátria.

Já lá vão para as calendas os tempos em que o soldado era uma parte mínima da coletividade, sem expressão qualquer de força social ou valor moral. Apontado, muitas vezes pelo ridículo da própria ignorância da época, como o indivíduo sem posição definida, ninguém que tivesse parcela de juízo se arriscaria à aventura de SERVIR AO GOVERNO, sem a maledicência da família e o repúdio da própria sociedade, que lhe não davam nem apoio, nem prestígio, nem mesmo perdão. Mas os tempos mudam. Hoje em dia, o soldado integrado no seu verdadeiro posto de honra, é a própria nação no cumprimento do dever conciente. A caserna é uma escola de educação e disciplina, onde o espírito de coesão e sadia

⁸¹ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 25 de fevereiro de 1944, p. 1.

camaradagem afeiçoa o indivíduo à prática da lealdade e ao sentimento da nobreza militar. Nela, o caráter é aprimorado através dos ensinamentos proveitosos emanados das obrigações cívicas e do hábito da obediência sem humilhação. Vestir a farda é motivo de justo orgulho, porque ela enaltece a personalidade. Saber usá-la é uma virtude. O povo precisa compreender que o soldado, à sombra da Bandeira da Pátria, trabalha, sempre, pela garantia da paz e da tranqüilidade de todos os membros da comunidade. Para isso, são necessários sacrifícios sem conta, uniformidade de pensamento, vontade e compreensão. O soldado é uma grande fortaleza moral, fiel aos deveres domésticos, mais amigo do seu lar, que a nação mobilizou para as pelejas heróicas, que hão de garantir, em qualquer terreno, a felicidade coletiva, o bem estar e a segurança da família, atento ao seu destino de sacrifício e de glória. SOLDADO DE MORRO DO CHAPÉU, BRASILEIRO, EU TE SAÚDO!⁸²

A manchete saudando o soldado morrense despertou em cada jovem alistado o desejo de dar sua contribuição à nação, pois, abandonar a coragem nessa perspectiva, seria também abandonar a Pátria. Podemos notar, em depoimento de sua sobrinha, D. Jovenilda Conceição, o quanto essa mobilização emocional influenciou o pensamento do jovem Claudionor de Sena Marques, combatente na Itália, e que abordaremos mais adiante.

A gente achava que não podia ir, que não queria que fosse, era aquele “fuá”, mas ele disse que ia, ia defender o Brasil, que não era covarde. E resolveu. Era obrigado mas ele achou quem dispensasse ele, mas ele foi.⁸³

Como veículo de comunicação atrelado aos preceitos de mobilização nacionalista do Estado novo e sob os dogmas do DIP de como proceder com “dignidade” uma reportagem, o Correio do Sertão insere a idéia do herói no artigo, a imagem do soldado destemido que não teme a presença do inimigo e descarta qualquer

⁸² Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 25 de dezembro de 1943, p. 1.

⁸³ Depoimento, em 20 de fevereiro de 2004, da Sr^a Jovenilda Conceição, 70 anos, nascida e residente em Morro do Chapéu.

possibilidade de atitudes de covardia. Elementos desse discurso estão presentes na fala do Sr. Paulo Gabriel, quando este elucida o papel do verdadeiro soldado:

O soldado deve seguir as leis da Pátria. O amor à Pátria, a coragem e a consciência de que seu papel é defender a nação. A covardia não deve fazer parte da sua alma.⁸⁴

Estimulados por mecanismos diversos vindos de fora, da capital, e materializados no periódico local através de manchetes patrióticas, jovens morrenses procuravam a Junta de Serviço Militar da cidade para fazer sua parte como cidadão brasileiro. Exemplo desse procedimento tivemos a figura de Ulisses Valois, conhecido como Tota, que fora convocado para fazer parte do contingente em Salvador, onde foi corneteiro. Contudo, a ênfase será dada ao jovem Claudionor de Sena Marques, mais conhecido como Cláudio. Infelizmente não temos os documentos de seus alistamentos, pois, segundo o atual funcionário da Junta Militar de Morro do Chapéu todos os documentos que permanecem por muito tempo no arquivo são incinerados, uma vez que, completando quarenta e cinco anos de idade o recruta não poderá mais ser convocado para qualquer ação militar, obedecendo a um regulamento das Forças Armadas. Talvez o alistamento de Cláudio tenha sido efetuado no ano de 1942, pois, segundo o Correio do Sertão, ele pertencia à classe de 1922. No entanto, o ato de alistar-se lhe concederia, mais tarde, a grande aventura da sua vida: a convocação, o sorteio repentino para servir a Força Expedicionária Brasileira na campanha da Itália.

Diante dos discursos inflamados proferidos pelo então presidente Getúlio Vargas e reproduzidos na imprensa local de forma extremamente apelativa, servir à Pátria significaria uma questão de honra e a satisfação do dever cumprido. A partir de manchetes vinculadas à ideologia estadonovista, o Correio do Sertão, seguindo o senso comum da política vigente de que a mobilização para a guerra resultaria na liberdade da democracia, na manutenção da soberania nacional contra as investidas infames do Eixo aos navios de cabotagem brasileiros, publica uma espécie de dicionário que incluiria “novos verbos” para representar e dar sentido à situação que o país estava passando naquele momento, onde a perspectiva de libertação e dias melhores estariam nas mãos

⁸⁴ Depoimento, em 25 de agosto de 2003, do Sr. Paulo Gabriel, 65 anos, nascido e residente em Morro do Chapéu.

dos dirigentes das nações aliadas, únicos capazes de promover a paz num futuro tranqüilo e promissor e despertando no jovem recruta a repulsa pelos ideais contrários às ideologias nacionalistas de Vargas.

Hitlerizar: roubar, matar, agredir, barbarisar; Goebelizar: mentir, enganar, tapiar; Goeringuisar: assaltar, assassinar; Mussolinizar: errar, falar bobagens, desastrar; Lavalizar: trair; Petainizar: caducar; Japonizar: atacar pelas costas; Churchilizar: defender. Proteger, salvar, vencer; Britanizar: destruir, aniquilar e liquidar bandidos, engrandecer os povos; Degaulizar: enfrentar, lutar com sacrifícios; Rooseveltizar: agigantar, arrojado, elevar uma coletividade; Americanizar: unir nações, dinamizar, fortalecer; Chinizar: batalhar e derrotar sem armas; Chanquechequisar: fazer milagres; Getulizar: construir, edificar, fortalecer; Brasilizar: progredir um século em cinco anos; Panamericanizar: amar.⁸⁵

Além da perspectiva heróica de contribuir para salvar o Brasil do horror nazista, servindo a Pátria sem temer, existia a possibilidade da dissolução de laços afetivos, sobretudo familiares. Morro do Chapéu era uma cidade, antes de tudo, religiosa e familiar. A união entre os moradores se fazia presente nos encontros religiosos na Igreja Matriz, nos batentes das casas com longas conversas à noite e nas discussões dos intelectuais sobre os rumos da cidade e das notícias externas. O respeito e a simplicidade eram marcos fortes dessa sociedade. A união ficaria mais evidente quando Cláudio foi definitivamente convocado para os campos sanguinários da Itália.

Naquele tempo só existia o catolicismo e o espiritismo. Então não dava pra misturar e todos tinham um pensamento praticamente. Eu me lembro, eu era pequeno, que quando Tota foi convocado, ave Maria, foi um horror na família. Muito choro e preocupação. E também quando o companheiro Cláudio foi pra Salvador, pra guerra né, o povo reunia na igreja, os familiares, autoridades pra rezar, pedir a Deus que guiasse nosso conterrâneo. Era unido assim.⁸⁶

⁸⁵ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 15 de fevereiro de 1943, p. 2.

⁸⁶ Depoimento, em 25 de agosto de 2003, do Sr. Paulo Gabriel, 65 anos, nascido e residente em Morro do Chapéu.

Aquelas pessoas amigas de fé católica rezava por Cláudio. Rezava muito. Era união da Igreja.⁸⁷

Quanto ao respeito, a fala da Sra. Joselita Rodrigues esbarra na contradição proporcionada pela modernidade:

Muitas coisas naquele tempo era melhor, era uma pobreza, uma dificuldade, mas o respeito era outro. Hoje muitas coisas melhoraram muito, ficou até mais fácil, mas é muito moderno e o respeito foi embora.⁸⁸

O Correio do Sertão publicava constantemente o edital de convocação dos sorteados para ingressar ao exército brasileiro. A cada edição, parentes e amigos dos jovens recrutados ficavam apreensivos, pois o nome do ente próximo poderia constar na lista. Como a História é cíclica e o passado é dinâmico, em que os acontecimentos pretéritos influem nos fatos presentes, pois *o presente é produto do passado*⁸⁹, a edição de 15 de março de 1943 do periódico morrense apresentava o edital de convocação da Junta de Alistamento Militar, com os respectivos nomes dos indicados/sorteados. O nome de Cláudio constava nessa lista. Seu alistamento obrigatório, talvez há um ano atrás, surte efeito naquele momento e todo um processo de receio e medo toma conta de seus familiares, pois o não comparecimento resultaria em penalidades severas.

Joel Modesto de Souza, Presidente interino da Junta de Alistamento Militar. Faz saber que foram sorteados para o serviço do Exército na Capital do Estado, os cidadãos constantes na relação abaixo transcrita e que deverão se apresentar até o dia 30 de Outubro do corrente ano no 19/B. Caçadores e como ponto de concentração e inspeção para o exército na sede da 17ª Circunscrição de Recrutamento; e os que não fizerem ficarão sujeitos as penas estabelecidas nos regulamentos militares e Código Penal do Exército. Para obter os meios de transporte (art. 106) deverão se dirigir os sorteados ao presidente da Junta na

⁸⁷ Depoimento, em 19 de fevereiro de 2004, da Sr^a Joselita Rodrigues, 76 anos, nascida e residente em Morro do Chapéu.

⁸⁸ Depoimento, em 19 de fevereiro de 2004, da Sr^a Joselita Rodrigues, 76 anos, nascida e residente em Morro do Chapéu.

⁸⁹ FEBVRE, Lucien. História. São Paulo: Ática, 1992. p 58.



sede da Prefeitura Municipal. E para que chegue ao conhecimento de todos, lavrei o presente edital, que será afixado no lugar decostume e publicado na imprensa local, depois de assinado pelo Presidente. Eu, José Alves dos Reis, Secretário da Junta, o fiz e subscrevo.

TRANSCRIÇÃO DA LISTA MODÉLO “K” – Classe de 1922 – Convocados para a 1ª Chamada – Apresentação de 1º a 30 de Outubro de 1943;

1º - Claudionor de Sena Marques, filho de João de Sena Marques.

Salvador, 11 de Fevereiro de 1943. (a) Francisco Mendes Sobrinho – Tem. Cel. Chefe. Junta de Alistamento Militar do Morro do Chapéu, 1º de Março de 1943. Joel Modesto de Souza, Presidente Interino.⁹⁰

No artigo do edital apresentado há uma contradição. O aparelho estadonovista de mobilização arregimentava a população masculina jovem ao recrutamento, já prevendo o que estava definido pelas autoridades federais. Nesses tempos de crise, o governo federal procurou “facilitar” a vida daqueles que, uma vez convocados, não tinham as condições materiais para arcar com despesas de deslocamento, principalmente os recrutas dos rincões do país. *Tinha ajuda da prefeitura sim, eu lembro que todo mundo falava.*⁹¹ Nesse sentido, o deslocamento para a capital resultaria em ônus do poder executivo. O Correio do Sertão aclara essa possibilidade quando, para obter os meios de transporte, os sorteados deveriam procurar a prefeitura para conseguir o deslocamento até a capital, Salvador. No entanto, a fala da Sra. Jacira Rodrigues esbarra nessa possibilidade, indo de encontro a essa realidade:

Ele foi até o prefeito para pedir ajuda para se deslocar até a capital. Aí o prefeito disse: soldado tem que andar a pé ou de jegue.⁹²

Podemos sentir o descaso do poder público municipal ainda mais evidente na fala da Sra. Jovenilda Conceição, sobrinha do soldado, em que a mágoa familiar

⁹⁰ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 15 de março de 1943, p. 1.

⁹¹ Depoimento, em 23 de agosto de 2003, da Sr^a Jacira Rodrigues, nascida e residente em Morro do Chapéu.

⁹² Depoimento, em 23 de agosto de 2003, da Sr^a Jacira Rodrigues, nascida e residente em Morro do Chapéu.

permanece até os dias atuais, quando a mesma narra um pouco da vida difícil do pracinha, apontando a dura realidade em que vivia e que rondava a maioria das famílias de Morro do Chapéu na época, como também a união familiar como forma de solucionar momentos de extrema dificuldade. É importante ressaltar também que o não comparecimento ao exército implicaria nas temíveis penalidades, onde muitos recrutas se desesperavam, como resultado do aparelho repressor do Estado Novo, que assombram jovens até hoje.

Tenho mágoa sim. Como pode isso! Ele trabalhava numa sapataria, uma sapatariazinha tola. Aí então ele não tinha condições de ir porque, cê sabe, naquela época a vida era muito difícil, né. Ele pobre, a família tava pobre, então ele ficou desesperado, porque ele era obrigado, sem saber como é que ia. Então ele foi ao prefeito e o prefeito disse: soldado anda é de pé. Aí meu pai, então ele disse: não, mas você de pé não vai não. Nós vamos dar um jeito, aí você vai. Foi aí que juntou a família, um pouquinho dali, um pouquinho daqui, e ele foi.⁹³

A pequena história narrada pela Sra. Jovenilda Conceição pode nos dá uma idéia da frugalidade em que a maioria das famílias de Morro do Chapéu vivia, pelo menos em termos de emprego. A busca por melhores condições de trabalho que pudessem elevar o padrão de vida sempre acompanhou o homem. As migrações/imigrações ocorridas ao longo da história são uma prova disso. A realidade para Cláudio parecia se firmar numa tentativa de explicar o mundo em que vivia e o que encontraria. Foi convocado por jornal, ao acaso segundo parecia. O fato de servir o exército brasileiro em Salvador não assustava o futuro pracinha, pois se tratava, além do dever que por obrigação tinha que ser cumprido, a chance de encarar uma realidade que, depois que tudo terminar, as possibilidades de mudar de vida seriam bem maiores. *Ele esperava uma vida melhor sim lá na capital.*⁹⁴

Com a ajuda mútua da família Cláudio consegue transporte para chegar até Salvador. De lá as notícias chegavam com mais freqüência, mais rápidas e a família ficava um pouco mais tranqüila, pois a imagem da Segunda Guerra Mundial, apesar da

⁹³ Depoimento, em 20 de fevereiro de 2004, da Sr^a Jovenilda Conceição, nascida e residente em Morro do Chapéu.

⁹⁴ Depoimento, em 20 de fevereiro de 2004, da Sr^a Jovenilda Conceição, nascida e residente em Morro do Chapéu.

maioria não ter uma mínima noção do conflito, pairava em muitas mentes, principalmente dos familiares mais próximos, despertando o imaginário de muitos, como é o caso da Sra. Jovenilda Conceição onde o palco da guerra seria como estar num *mato bem fechado, escuro com chuva e muito tiro.*⁹⁵

Aquela convocação parecia mesmo destinada a preencher claros de última hora, uma convocação, praticamente, de véspera de embarque. Não se tinha a impressão de que houvesse qualquer espécie de seleção. Quando Cláudio ainda estava em Salvador o clima era motivador, pois a esperança de voltar cedo pra casa é bem maior. A “seleção” para compor a Força Expedicionária Brasileira talvez não fizesse muito sentido, pois era muito *variável a idade dos homens chamados, podendo-se dizer o mesmo do seu grau de instrução, condições físicas, etc.*⁹⁶ O fato era que Cláudio fora sorteado e já se encontrava na cidade do Rio de Janeiro, talvez sabendo da guerra apenas por vagas notícias, talvez comentando os acontecimentos do mundo como se discutisse de futebol ou da carestia de vida, talvez não compreendendo por que a sorte recaíra justamente sobre ele, talvez fazendo novos amigos. Talvez a dúvida seria a melhor companheira em uma situação que não fazia parte da vida de outrora, que parecia tão perto e tão longe ao mesmo tempo.

A ida para o Rio de Janeiro significava a escalção direta para a guerra. Enquanto esteve em Salvador as notícias vinham de tempo em tempo e a família se confortava. No entanto, além da distância ter aumentado consideravelmente, o medo e a angústia tomavam conta dos entes queridos, talvez dele também, apesar de que o desconhecido sempre exerceu forte atração no ser humano, porém se tratava de uma situação que mesclava coragem, dever e morte. Uma atmosfera de medo e angústia, gerada a partir de medos particulares, estava se formando na comunidade, uma vez que podemos afirmar que Morro do Chapéu esteve inserido no contexto da guerra a partir da convocação e participação ativa nos combates na Europa de um dos seus filhos. Esse sentimento não tinha a ver com a possibilidade da guerra chegar até a cidade, e sim da possível perda de um cidadão morrense nas fileiras do conflito, principalmente nos familiares, onde as notícias passaram a ser o sustentáculo de esperança até quando o aparelho estadonovista empreendeu a lei do silêncio para os pracinhas.

⁹⁵ Depoimento, em 20 de fevereiro de 2004, da Sr^a Jovenilda Conceição, nascida e residente em Morro do Chapéu.

⁹⁶ SCHNAIDERMAN. op. cit. p. 10.

Ficou muito desesperada a família toda, né. Na partida mesmo ele foi muito nervoso e foi aquela confusão toda. Aí ele viajou. E lá em Salvador ele dava notícia mesmo, mas ficou todo mundo apreensivo, angustiado, com medo, né. E quando ele foi chamado pra ir pra guerra aí foi pior. A notícia veio do Rio. Mamãe rezava muito, todo mundo preocupado, os amigos e até algumas autoridades. Aí até que Deus ajudou e sempre de lá (Itália) vinha notícia. A gente se confortava com isso, mesmo sabendo que a coisa era feia, ele falava. Depois as notícias só falavam que tava bem, não podia falar mais da guerra porque o governo proibiu. Ele não podia escrever mais, quem escrevia era o chefão lá.⁹⁷

A maneira de como encarar a realidade estava se firmando na família de Cláudio. Os momentos angustiantes eram compensados com conversas que lembravam a infância do jovem recruta em Morro do Chapéu. No entanto, alguns desses momentos de alegria eram quebrados por brincadeiras que partiam dos próprios familiares, configurando um ar de preocupação e angústia. Nesse momento, sempre vinha a pergunta indignada: como isso pôde ter acontecido? A indagação refletia ao mesmo tempo perplexidade diante do fato e revolta, uma vez que a liberdade de ir e vir foi quebrada por um governo autoritário e ditador. O fato é que Cláudio já estava motivado. O preceito do Estado Novo era de defender a democracia e a liberdade, porém nem uma, nem outra se enquadravam no perfil da nação. A revolta podia partir dessa prerrogativa, pois como jovens iriam defender uma democracia que nem em seu próprio país existia. Podemos perceber elementos dessa natureza na fala da Sra. Rita Bagano, quando esta atribui a miséria de muitos às medidas dos detentores do poder:

Os grandes ficam em casa com seus filhos e botam os filhos dos outros pra brigar. Os maridos e os filhos dos pequenos morrendo numa luta desumana e os grandes em casa com suas esposas. Guerra é horrível. É ambição do poder.⁹⁸

⁹⁷ Depoimento, em 20 de fevereiro de 2004, da Sr^a Jovenilda Conceição, nascida e residente em Morro do Chapéu.

⁹⁸ Depoimento, em 26 de fevereiro de 2004, da Sr^a Rita Bagano, 76 anos, nascida e residente em Morro do Chapéu.

Assim, o palco da guerra para os morrenses significava morte em massa para a população, pois, enquanto os dirigentes ditadores descansavam em suas casas, a reprodução da angústia por ter um ente querido no conflito, devido à imposição de uma política autoritária, se refletia de forma intensa em lares humildes da comunidade. *A guerra era uma coisa muito difícil, muito bruta, quase tira de vez nosso Cláudio, e a morte tava em qualquer lugar.*⁹⁹ Talvez o único fenômeno que desperta no homem igual ou maior interesse que a vida é, possivelmente, a extinção da própria vida. Nesse momento de incertezas, para os morrenses, em especial para os familiares de Cláudio, vida e morte estavam indissolúvelmente unidas, pois tudo que é vivo vai morrer e nas cartas *ele falava que tava sofrendo, que não sabia se ainda voltava, um bando de coisa ruim. Tinha de ter coragem e ódio para ser melhor. Era a vida e a morte andando juntas, ele falava.*¹⁰⁰ Esse depoimento pode nos dar uma idéia de como a mente funcionava em situações desse tipo, onde a *experiência partilhada de viver com a morte e a coragem extraía um sentimento de incomunicável e bárbara superioridade.*¹⁰¹

Os dias passavam lentos e a preocupação aumentava a medida em que as notícias não estavam chegando com a freqüência habitual. O Correio do Sertão alimentava a esperança da vitória com textos de elevação moral e confiança, não deixando cair a imagem de Getúlio Vargas na comunidade, onde a participação do Brasil no conflito foi a coisa mais sensata que poderia ser tomada e o apoio incondicional da população, principalmente dos voluntários de guerra, formando a grande união aliada nacional seria a mola-mestra da arrancada final para a vitória. E Morro do Chapéu estava dando a sua contribuição através do soldado.

Quando os criminosos nazi-fascistas afundaram, há quase dois anos, os nossos pacíficos navios de cabotagem e uma onda de indignação varreu o Paiz de norte a sul, o Presidente Getúlio Vargas, afirmou, com a maior energia, que vingaríamos os nossos mortos.¹⁰²

⁹⁹ Depoimento, em 19 de fevereiro de 2004, da Sr^a Joselita Rodrigues, 76 anos, nascida e residente em Morro do Chapéu.

¹⁰⁰ Depoimento, em 19 de fevereiro de 2004, da Sr^a Joselita Rodrigues, 76 anos, nascida e residente em Morro do Chapéu.

¹⁰¹ HOBBSAWN, op. cit., p. 34.

¹⁰² Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 05 de agosto de 1944, p. 1.

E numa espécie de nostalgia guerreira, o periódico incita o revide, mostrando que o povo brasileiro não se esquece das importantes vitórias alcançadas com bravura em outros combates passados, como também a ênfase ao soldado Cláudio, uma maneira de esclarecer à família que o dever de servir à pátria fala mais alto e as boas recompensas serão sempre eternas, não deixando de engrandecer o governo Vargas.

Chegou a hora dessa desforra patriótica. A chegada ao território italiano dos nossos soldados é o coroamento do longo e árduo trabalho que vem desenvolvendo o governo do Presidente Getúlio Vargas, dando, assim, o Brasil uma lição exemplar às potências eixistas, que receberão o troco devido, julgando que não tínhamos forças para um revide à altura. Nos combates que irão travar contra os alemães, os soldados brasileiros serão dignos das tradições dos nossos antepassados, que lutaram contra os outros povos que nos agrediram. O soldado morrense também tem seus méritos e saberá cumprir o seu dever, desafrontando a dignidade da Pátria e destruindo o Nazismo.¹⁰³

O cotidiano de Cláudio não diferenciava dos outros pracinhas. Saídos de lugares tão distantes e diferentes, a ida para a Itália, para lutar numa guerra que a maioria mal compreendia, talvez equivalesse a uma ida à Lua, pois a imensa maioria não conhecia nada além da região em que haviam nascido. Podemos compreender o estranhamento dos pracinhas se lembrarmos que, no final da década de 1940, *setenta por cento da população brasileira ainda vivia no campo*.¹⁰⁴ Quanto à comida, havia os habituais problemas com os ingredientes e o sabor, rejeitados pela maioria dos pracinhas, e a falta de alguns elementos, como o arroz, o feijão e a farinha, que deixava a maioria dos homens insatisfeitos.

Quando ele chegou ele contava que a comida era muito ruim, sem gosto, e tinha saudade era do feijão daqui. Parecia que não colocavam o tempero certo. Aí ele

¹⁰³ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 05 de agosto de 1944, p. 1.

¹⁰⁴ BONALUME NETO, R. A nossa segunda guerra: os brasileiros em combate (1942-45). Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995. p.119.

comia muito quando chegou. Teve almoço na casa de mainha com carne e feijão e muitos amigos. Ele gostou muito.¹⁰⁵

Outro problema bastante sério que afligia particularmente os brasileiros era o clima. Tendo chegado à Itália no outono e combatido durante todo o inverno de 1944-45, que foi especialmente rigoroso, o pracinha teve uma grande dificuldade em se adaptar ao frio. Percebemos isso por meio de cartão postal enviado pelo soldado à sua irmã Virgínia, datado de 30 de março de 1945.

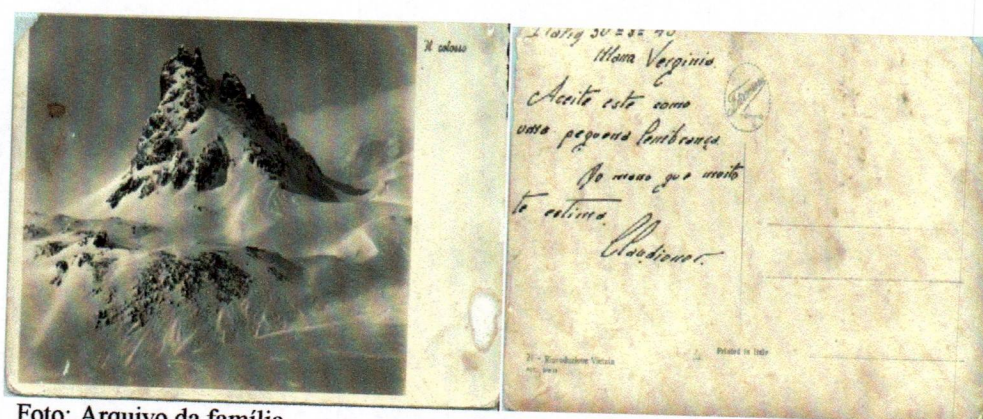


Foto: Arquivo da família.

Lutando contra os alemães quanto contra uma temperatura que chegava a vinte graus negativos, os pracinhas passaram maus momentos durante o período conhecido como a “defensiva de inverno”, entre dezembro de 1944 e fevereiro de 1945, quando o *frio praticamente impediu qualquer operação em larga escala*.¹⁰⁶

O depoimento abaixo pode nos dar uma idéia do terrível inverno italiano representado na imaginação local:

Ele usava aquelas botonas, aquelas roupas até aqui (apontando para o pescoço).¹⁰⁷

¹⁰⁵ Depoimento, em 19 de fevereiro de 2004, da Sr^a Joselita Rodrigues, nascida e residente em Morro do Chapéu.

¹⁰⁶ BONALUME NETO, op. cit., p. 138.

¹⁰⁷ Depoimento, em 20 de fevereiro de 2004, da Sr^a Jovenilda Conceição, nascida e residente em Morro do Chapéu.

E assim decorriam os dias do jovem Cláudio durante a campanha na Itália. A maioria das pessoas acredita que uma guerra é feita de combates incessantes, dia após dia, mas a verdade é que a maior parte do tempo é passada em espera. Espera-se e trabalha-se para manter uma determinada posição, com vigília e patrulhas periódicas, e de repente, sem aviso prévio, chega a ordem para avançar. Seguem-se horas e dias de combate, com maior ou menor intensidade, e após o avanço, uma nova espera. Isto se deve à necessidade de transportar suprimentos necessários. Além disso, é preciso garantir o território conquistado.

Quando vinha notícia que vinha o inimigo, ele saltava do barracão, correndo. Na hora mesmo que lutava ele já tava com armamento, tinha granada, jogava. Que trabalhava muito lá e quando tava também almoçando, parado, aí vinha o grito: vamos, corre, vem o inimigo, o inimigo tá vindo. Aí todo mundo saía correndo e lutava e ganhava e depois cercava, não sabe, o lugar. E levava tudo pra esse lugar.¹⁰⁸

A rotina do pracinha Cláudio, quando longe da linha de frente ou nos momentos em que estava livre do contato direto com o inimigo, era como a de qualquer outro soldado, nacional ou estrangeiro, em combate. A manutenção das coisas pessoais e do grupo, o treinamento contínuo, necessário para manter a prontidão e o moral, talvez fosse quebrado por momentos de relaxamento, brincadeiras, comemoração de conquistas ou a tão esperada entrega da correspondência, enviada por seus entes queridos. A espera da carta foi basicamente de Morro do Chapéu, pois, segundo pesquisa de campo, os familiares não escreveram para Cláudio durante sua estada na Europa. De qualquer forma, os laços afetivos não foram quebrados. Com as notícias sobre o fim próximo do conflito e as conquistas da Força Expedicionária Brasileira, os familiares do pracinha morrense só pensavam na volta do soldado. *A gente já sabia que ele tava bem, mas era bom que tivesse logo aqui.*¹⁰⁹

O retorno era esperado por todos. O Correio do Sertão teve presença marcante para arregimentar a população ao tão sonhado retorno, em que as festividades tinham

¹⁰⁸ Depoimento, em 20 de fevereiro de 2004, da Sr^a Jovenilda Conceição, nascida e residente em Morro do Chapéu.

¹⁰⁹ Depoimento, em 20 de fevereiro de 2004, da Sr^a Jovenilda Conceição, nascida e residente em Morro do Chapéu.

que acontecer, afinal de contas se tratava de um filho de Morro do Chapéu, um herói de guerra. A família esperava ansiosa e quando ele de fato chegou começaram os interrogatórios curiosos, onde o soldado relatava as suas aventuras de guerra. Os familiares contam que ele não gostava muito de relatar o acontecido, mas algumas vezes cedia, pois a pressão dos curiosos era demais. A Sra. Jovenilda Conceição, que pensava que a guerra era travada num grande mato, precisou desmistificar esse cenário, pois *quando ele chegou ele dizia que era assim, campo aberto e tinha cidade. Ai eu não imaginei mais como um mato.*¹¹⁰ Todos são unânimes em relatar as festividades. Houve várias comemorações, desde desfiles nas ruas com bandas, escolas até seminários de reconhecimento pelas autoridades locais no espaço cultural da cidade. O periódico local não poderia deixar por menos. Depois de todas as devidas e merecidas homenagens, o jornal faz um pequeno relato do caminho que o ex-pracinha seguiu até ser oficialmente chamado para a guerra, bem como das festividades, exaltando a coragem do conterrâneo e aumentando a estima da população, despertando um certo orgulho em sua naturalidade, como também nos parentes do soldado.

Incorporado no Exército Nacional em Dezembro de 1943, o nosso pracinha, apelidado por Cláudio, foi logo incluído na Força Expedicionária Brasileira, onde na Itália, através da sua coragem como cidadão brasileiro, tomou parte ativa na guerra contra as forças totalitárias, voltando feliz e vitorioso aos seus penates. Compartilhando das alegrias de sua família, na noite de 02 de Outubro do corrente, o conjunto musical “Malva”, acompanhado de exmas. Famílias e pessoas gradadas, fez, em casa de seu digno cunhado, uma íntima visita ao jovem patricio e herói da F.E.B., levando-lhes as boas vindas e felicitações. No dia 3, ante-hontem, foi então prestada ao nosso herói soldado da F.E.B., uma grande homenagem cívica, a que estiveram presentes as escolas reunidas, o conjunto musical da cidade, exmas. Famílias e o povo em geral, realizando-se às 16 horas uma passeata cívica pelas ruas, guinado a mesma o patricio homenageado. Depois da passeata, às 17 horas, houve no Teatro Odilon Costa, solene seção cívica, presidida pelo Dr. Arnóbio de Aragão Ribeiro, promotor público,

¹¹⁰ Depoimento, em 20 de fevereiro de 2004, da Sr^a Jovenilda Conceição, nascida e residente em Morro do Chapéu.

discursando como orador oficial, e demais autoridades e personalidades locais, todos homenageando ao aludido expedicionário com vivas aclamações e aplausos da grande assistência. À noite houve no Teatro animadíssimo baile, aos sons do conjunto musical, cuja festa foi oferecida ao pracinha da F.E.B., que, na guerra da Europa, soube honrar o nome de nossa terra e defender a soberania do nosso querido Brasil.¹¹¹

As comemorações e festividades saudando o soldado refletiram, por um pequeno espaço de tempo, a satisfação em saber que não foi esquecido. A família se sentiu honrada com tanto reconhecimento prestado e parecia que a tão sonhada perspectiva de ascensão social dentro da comunidade havia de fato consolidada. Por um tempo isso aconteceu, pois o ex-pracinha era constantemente convidado a fazer palestras sobre guerra, em que autoridades e personalidades locais e até estaduais marcavam presença. A homenagem é um privilégio de poucos, principalmente numa nação que costuma vangloriar apenas os grandes heróis. No caso de Cláudio não foi diferente, pois as comemorações evidenciariam o simples interesse dos homens de poder em tentarem se promover às custas de cidadãos comuns. A História já provou que, durante muito tempo, procurou estabelecer quem de fato construía o processo histórico, priorizando os fatos políticos e militares, numa espécie de exclusão de quem não tinha nome forte no cenário sócio-político-econômico. Por outro lado, percebeu-se que quem faz a história também é o anônimo, que a História tradicional tratou de excluir de todo o processo, pois sempre que o fato esteve acontecendo a sua presença foi marcante, uma vez que lutava, reivindicava, mesmo sendo ludibriado, em nome das leis criadas para beneficiar poucos.

A História de Morro do Chapéu também foi injusta com Cláudio. Em nenhum livro local é encontrada uma citação sequer do ex-pracinha, evidenciando o preconceito existente com aqueles que, na visão do poder tradicional político e social, não representava uma parte fundamental para que se formasse uma sociedade dentro dos parâmetros, em todos os sentidos, estabelecidos pela elite. O que vieram depois das comemorações foram mágoas familiares. O ser humano, desde tempos remotos, tem grande satisfação em ver o nome da família representando um espaço, principalmente

¹¹¹ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 05 de outubro de 1945, p. 4.

quando faz por merecer. No caso de Cláudio, não se tratou de uma realização local, mas de um empreendimento que teve uma conjuntura mundial, em que os passos para a concretização do fato dependeram, exclusivamente, da vontade do personagem principal, que representava toda uma comunidade no contexto da guerra.

A mágoa é um sentimento que pode permanecer uma existência inteira. Mais uma vez o descaso do poder político local se manifesta. Seria simples determinar uma simples homenagem para prosperidade, mas a arrogância e a prepotência do poder público municipal tratou de vetar qualquer possibilidade de perpetuar tal fato. O nome pode não significar nada, mas a lembrança cobra, de maneira ferrenha, uma forma materializada de expressar reconhecimento pelo que foi bem feito, pelo menos na visão política e social vigente. A mobilização militar do Estado Novo, como já vimos, através dos discursos de patriotismo, onde nada poderia ser mais importante do que a soberania da nação, veiculados, com carga extremamente emocional, principalmente pela imprensa, pregava a liberdade através do revide. O periódico morrense não ficou imune a esse preceito. A amarga lembrança dos familiares de Cláudio permanece até os dias de hoje, exalando uma revolta que, aparentemente, não tem mais sentido devido ao implacável tempo, mas, sobretudo, exalando orgulho de alguém que, por obrigação, arriscou a própria vida para defender o que lhe foi tirado por uma política autoritária: a liberdade.

Apesar de que, há 50 e tantos anos, o filho da terra que defendeu nosso Brasil, não existe em Morro do Chapéu nem um dedo por sua homenagem, quanto mais uma rua ou qualquer outro monumento. Isso é visto em Morro do Chapéu porque em todas as cidades se escuta, ou se ouve ou se conhece pelos noticiários, se conhece uma rua que tenha o nome dos expedicionários. Aqui é o contrário, tratado como um ninguém. Filho da terra, se fosse um forasteiro recebia muitas e muitas homenagens. Honrou o Brasil, defendeu nosso Brasil com sua própria vida, tiraram sua liberdade e não houve recompensa em nada! Hoje em dia, quase 60 anos após, nunca ninguém lembrou. O descaso é total. Ninguém tá implorando homenagem, nem nada não. Já passou.¹¹²

¹¹² Depoimento, em 23 de agosto de 2003, da Sr^a Jacira Rodrigues, nascida e residente em Morro do Chapéu.

A indignação familiar permanece até os dias de hoje, porém com menos intensidade. O tempo parece curar o mais profundo sentimento, desde quando existe algo bem maior do que qualquer coisa terrena. Em se tratando de uma sociedade simples, que aceita e acredita nos dogmas religiosos perpetuados durante séculos, onde o provérbio “aqui se faz, aqui se paga” representa a lei que não deixa a injustiça determinar os rumos dos fatos, o preço a ser pago pode vir depois, pois *a vida verdadeira é a outra e a justiça de Deus é maior que tudo isso aqui*.¹¹³

A mente humana guarda muito mais lembranças ruins que boas, como uma espécie de reserva para enfrentar uma nova situação difícil que, conseqüentemente, virá. O homem do século XX aprendeu a superar, ou pelo menos, mascarar muitos medos, heranças de fortes acontecimentos alheios à sua realidade. A experiência de um passado fortemente marcado por violência gratuita e escatológica legou ao homem elementos culturalmente cristalizados, que se associa direta ou indiretamente aos seus medos mais primitivos. Depois da volta vitoriosa, o ex-pracinha morrense teve que encarar uma nova e dura realidade. O fato de ter que participar, por obrigação, de uma experiência que fugia totalmente dos padrões estabelecidos por uma sociedade pacífica, como também entrar numa situação que não tinha nada a ver com a realidade local, defendendo algo que, talvez, estava além daquilo que se poderia supor sobre guerra, propiciou ao soldado Cláudio lembranças mórbidas daquilo que fez parte de uma ínfima parcela da sua vida cronológica, porém marcante para determinar a busca por respostas que estavam além de qualquer explicação científica, pois a mente do ex-pracinha trouxe as seqüelas habituais que qualquer situação de caos pode proporcionar, gerando uma atmosfera de medo na família.

Muitas noites ele acordava gritando pelos companheiros: *é vem o inimigo, levanta, vamos! A gente ficava tudo com medo de ele impressionar com aquilo tudo, né, e chegar ao estado de loucura, pensava com medo, né*.¹¹⁴

As seqüelas do conflito não alteraram, segundo depoimentos dos familiares, o estado mental de Cláudio. No entanto, com o passar do tempo, a vida exigiu dele um

¹¹³ Depoimento, em 20 de fevereiro de 2004, da Sr^a Jovenilda Conceição, nascida e residente em Morro do Chapéu.

¹¹⁴ Depoimento, em 20 de fevereiro de 2004, da Sr^a Jovenilda Conceição, nascida e residente em Morro do Chapéu.

preço muito maior do que administrar sonhos e/ou pesadelos. Segundo depoimentos, o ex-pracinha de Morro do Chapéu iniciou um estilo de vida que não fazia parte do seu comportamento de outrora. Talvez as fortes lembranças da guerra e a chance de vencer em outra localidade, já que sua terra não propiciou a possibilidade social esperada, tenham influenciado para que começasse uma vida boêmia, onde o desfecho estaria determinado ao adquirir uma doença que o levaria a falecer. A fala da Sra. Jovenilda Conceição expressa a indignação da família sobre a convocação e, conseqüentemente, sobre a própria guerra:

Os donos do poder só queriam isso mesmo. Tiraram ele daqui vivo, mas trouxe doente. Quando ele chegou em São Paulo ele começou a beber e fumar muito. A morte dele foi por causa disso. Fumava muito e bebia muito. Aí veio o câncer. Acredito que foi tudo culpa da guerra.¹¹⁵

As reminiscências aqui levantadas procuraram retratar o que de fato a Segunda Guerra Mundial representou para a os amigos, familiares e o próprio soldado Cláudio. Um mundo distante e uma situação estranha. Convocado repentinamente para participar de uma conjuntura que se mostrava no mínimo inusitada, o soldado morrense se viu obrigado a pegar em armas para defender uma democracia e uma liberdade que não existiam em seu próprio país. Os depoimentos fazem revelar-se, sensivelmente, todo o descompasso entre a aparência violenta, grandiosa e espetacular da guerra e o estado de amargura e perplexidade, tanto dos familiares, como, principalmente, nos relatos do soldado reproduzidos pelos parentes, diante de uma condição que para eles não tinha sentido algum. A brutalidade da luta armada convivia diretamente com a lembrança da paz generalizada de Morro do Chapéu. A determinação em vencer numa situação de extrema violência despertou em sua mente uma certa estupidez latente que todo ser humano possui, talvez a florando um pouco mais com a decepção criada pelo poder público local, como fica evidente nos depoimentos. As seqüelas foram muitas, quase impossível de expor nesse trabalho, pois se trata de uma vida inteira que, praticamente, se resumiu em dois momentos: antes e depois da Segunda Guerra Mundial.

¹¹⁵ Depoimento, em 20 de fevereiro de 2004, da Sr^a Jovenilda Conceição, nascida e residente em Morro do Chapéu.

A perspectiva de ser herói, criada pelo aparelho repressor estadonovista, talvez tenha se consolidado, pelo menos por um curto espaço de tempo, uma vez que as conquistas respaldavam o que foi decidido e firmado, aparentemente, sem estratégia alguma. Se valeu tudo a pena, não sabemos. As exposições particulares reveladas até aqui podem falar por si. Depois de tantos serviços prestados à nação na luta pela liberdade e democracia, movido, como tantos outros, pelos discursos apelativos e sensacionalistas de uma imprensa que seguia os ditos de uma república autoritária e exclusiva, o resultado final é que o pracinha morrense foi esquecido em sua própria cidade. E esse, talvez, tenha sido o seu maior trauma e sua grande dor, superando até as estranhas recordações, muitas vezes expressadas em sonhos ou em atos que indicavam um comportamento sem nexo algum, dos horrores que a luta armada lhe proporcionou.

Capítulo V

Festas de Fim de Guerra

Quando o último tiro foi disparado a Europa estava em ruínas. Cidades com séculos de civilização caíam na obscura realização da guerra, em que um montão de escombros exalava o cheiro de morte e destruição. Jamais a face do globo e a vida humana foram tão dramaticamente transformadas.

À medida que o fim do conflito ia se aproximando a tecnologia avançava seguindo a linha dos horrores proporcionados pelos mentores efetivos do combate, desrespeitando a dignidade humana, no mínimo a de sobrevivência, onde a própria experiência ajudou a brutalizar tanto a guerra quanto a política, pois *se uma pode ser feita sem contar os custos humanos ou qualquer outro, por que não a outra.*¹¹⁶

O fim da guerra era esperado por todos, em particular a derrota da Alemanha, apontada por muitos historiadores como o grande pivô do conflito. A subida de Hitler ao poder na Alemanha estava claramente vinculada aos grandes consórcios capitalistas alemães. O reaparelhamento do exército, o renascimento de uma aviação militar e de uma marinha de guerra eram incumbência do Estado, garantindo, assim, *aos consórcios a compra constante de produtos básicos*¹¹⁷, mantendo, desta forma, os lucros com tendência ao crescimento. O Japão fazia sua parte na Ásia, onde esse procedimento já se dava de forma mais concreta e dinâmica.

O mundo queria o fim de tantas atrocidades. A partir do momento em que passaram a conhecer a política nazista, inicia-se uma espécie de movimento anti-germânico. O fato de entender a História unilateralmente provocou a ira da maioria da população mundial, generalizando a idéia de que o povo alemão se tornara, de fato, os grandes vilões. Não se trata aqui de encontrar respaldos para a política nazista, pois suas investidas determinaram a mortandade programada de vidas humanas, indo de encontro às questões mais elementares de respeito à vida. No entanto, é preciso entender que a luta foi idealizada por líderes mundiais que tinham por objetivo a dominação territorial que se iniciou concretamente no século XIX, subjugando povos e culturas. A Alemanha,

¹¹⁶ HOBBSAWN. op. cit. p. 34.

¹¹⁷ Ibidem. p. 46.

guiada pela ideologia da raça ariana, através de seu mentor primeiro, começa a protagonizar a maior carnificina humana, programada através de meios eficazes letais, de que se tem notícia, retratada na clássica história do holocausto. Portanto, o desejo da derrota alemã foi propagado por todos os cantos do planeta.

No Brasil não foi diferente. Após os ataques sofridos pelos navios brasileiros, que de qualquer forma se tratou de um empreendimento covarde dos alemães, ferindo a soberania nacional, os movimentos anti-germânicos tomaram fôlego em todo o país. O desejo de que mais uma vez a Alemanha pagasse tudo se manifestou com um fervor muito mais evidente, seguindo os rumos do pensamento da política de Getúlio Vargas, onde novamente seu grande aliado foi a imprensa.

Em Morro do Chapéu, a imprensa local publicava discursos anti-germânicos periodicamente, formando opiniões. Num de seus artigos, o Correio do Sertão faz uso da própria visão que os alemães têm de si, utilizando frases célebres de grandes pensadores e filósofos germânicos, numa tentativa de chamar a atenção da comunidade para o perigo de conviver com esses elementos, uma vez que eles próprios estabelecem o conjunto de traços psicológicos de individualidade de seu próprio caráter. No discurso do periódico, podemos entender que a intenção é passar a idéia de que a análise feita a partir da própria origem retrata um fundo de verdade inquestionável, especialmente quando se trata de personalidades históricas de extrema importância, evidenciando que a palavra do homem define a sua própria honra. Desse modo, a índole alemã já possui uma inclinação natural para o malefício, consolidado com a máxima eficácia nos campos de concentração e no ódio ao povo judeu, contrapondo-se ao brio, à coragem guerreira e à tenacidade do povo inglês.

Bismarck disse certa vez: “Se tivéssemos, nós os alemães, muitas das qualidades dos ingleses, o domínio territorial e moral do nosso mundo seria fatalmente nosso.” Nietzsche escreveu: “Tenho preocupações de que minha doutrina venha a ser mais útil a outros povos do que aos alemães, cuja conduta política é incoerente.” Hindemburgo em um discurso confessou: “A tenacidade britânica nos faz inveja.” Goethe lembrou uma vez: “Não esqueçamos que na antiguidade fomos bárbaros.”¹¹⁸

¹¹⁸ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 05 de agosto de 1942, p. 1.

O que o periódico morrense apresenta nesse artigo provoca uma excitação na imaginação dos leitores. *O que eles queriam mesmo? Se não têm nem capacidade. Temos que ter é medo de gente assim.*¹¹⁹ Mais uma vez recorremos a uma pequena análise sobre o medo. O homem vive em constante diálogo com o medo. Essa atitude objetiva, principalmente, a concretização do insólito, a materialização do desconhecido ou do que ainda está por vir. O povo de Morro do Chapéu sentiu essa possibilidade nos artigos do jornal local, uma vez que este reforça a idéia anti-Eixo na comunidade, quando tenta despertar no povo o mal iminente que uma possível vitória alemã proporcionaria ao mundo e, conseqüentemente, à nação brasileira. Trata-se de uma previsão que utiliza o mais sórdido pessimismo, tentando alimentar na alma dos morrenses o medo da volta a tempos violentos e sombrios, fazendo uma alusão à invasão bárbara do século V. A matéria utiliza métodos na redação que incluem a catástrofe, a perda de todo o moral e a certeza de que as trevas seriam a nossa próxima pátria, cercada por campos de extermínio, onde o terror seria o parceiro diário de todo o povo brasileiro.

As tribus de bárbaros que habitavam as florestas se precipitaram sobre todos os países, destruíram toda a civilização. Tal e qual acontecerá no mundo atual. A Alemanha aboliu o direito, a moral, as normas, os costumes e proclamou o domínio da força bruta. O triunfo totalitário importaria para o Brasil no esquarteramento do nosso território que seria dividido em três partes, uma para Hitler, outra para a Itália e outra para Hiroito. Sofreríamos o período sombrio e trevoso, em que as forças brutas se desencadeariam sobre nós, os instintos bestiaes se desenfreariam, os campos de concentração se estabeleceriam em toda a parte, todos os judeus de todos os países seriam assassinados.¹²⁰

A imaginação popular se manifesta, pois se trata de uma situação que desperta curiosidade e temor, o receio do que está por vir numa previsão que tende a ver tudo sob um aspecto extremamente negativo. Podemos perceber a fertilidade estabelecida na imaginação do povo morrense em relação aos alemães, uma vez que a percepção da maioria da população tendia a generalizar-se, no depoimento da Sra. Jovenilda

¹¹⁹ Depoimento, em 25 de agosto de 2003, do Sr. Paulo Gabriel, nascido e residente em Morro do Chapéu.

¹²⁰ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 05 de novembro de 1942, p. 1.

Conceição, quando esta relata o que ouvia dizer na época: *falavam que era um povo ruim. Eles não prestam, não. Como pode prestar. Deus que livre a gente.*¹²¹

Sobre a política nazista, o periódico utiliza o passado para tentar explicar a loucura de Hitler. O Correio do Sertão publica uma matéria de capa, onde a figura do Führer é comparada a Herodes, através de um texto que se pretende consensual. A linha da linguagem é a mesma, com forte apelo emocional, pretendendo acabar de vez com a imagem do chefe nazista, estabelecendo a vingança como sentimento heróico e, mais uma vez, enaltecendo as personalidades de líderes como Roosevelt e Churchill como os verdadeiros heróis libertadores, evidenciando a sua posição política tendenciosa e de acordo com os ideais estado-novistas.

Vingança, o sentimento de todos os peitos heróicos; de todos os corações que tem brio; de todos os titans. Hitler, o sanguinário, o malvado, não conseguiu com o seu instinto de Herodes, prostituir o solo sagrado da Pátria; macular o nome do Brasil. Hitler, obcecado pela idéia de grande; de querer ser deus, nunca pensou que surgisse um Roosevelt, um Churchill, grandes libertadores, que havia de o arrazar.¹²²

Um outro fator que despertava a imaginação local eram os campos de concentração. A maneira de entender a morte sempre perseguiu o ser humano. Algumas civilizações antigas acreditavam na possibilidade de vida após a morte, levando muitos homens a encarar sua própria vida com os olhos da morte, uma vez que esta era inevitável. A sociedade contemporânea aprendeu a conviver com esse fantasma, desde quando se trate de um desfecho natural. Compreender o anti-semitismo nazista pode parecer fácil, mas a mortandade de vidas humanas que se seguiu, programada e eficaz talvez ultrapasse o limite de compreensão, desde quando não olhamos pelo lado prático, ou seja, questões econômicas e políticas, e sim pelo lado dos preceitos religiosos. De qualquer forma se tratou de uma carnificina humana que contribuiu para as estatísticas mortais da Segunda Guerra Mundial, o que proporcionaria aos homens uma convivência direta com a violência, um teatro de sangue que passaria a fazer parte da rotina humana.

¹²¹ Depoimento, em 20 de janeiro de 2004, da Sra. Jovenilda Conceição, nascida e residente em Morro do Chapéu.

¹²² Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 25 de setembro de 1945, p. 1.

A catástrofe humana desencadeada pelos campos de concentração e pela Segunda Guerra Mundial é quase certamente a maior da história humana. A morte programada fez com que a humanidade aprendesse a viver num mundo em que a matança, a tortura e o exílio em massa se tornassem experiências do dia-a-dia.¹²³

Diante de uma situação tão drástica que foi o empreendimento nazista ao povo judeu, a população de Morro do Chapéu estabelecia uma fascinante reconstrução do mito no imaginário em relação a Hitler e, conseqüentemente, aos campos de concentração. O fato de viver numa sociedade simples, aonde a liberdade de ir e vir era marca registrada e a mínima reação de violência causava alvoroço em praticamente toda a comunidade, a realidade apresentada do holocausto ultrapassava qualquer faculdade de compreensão, pois o propósito local era refletir como dar valor à vida, quando a liberdade lhe é privada, o direito à existência usurpado e o cotidiano não dá nenhuma perspectiva de futuro. Nessa perspectiva, o Correio do Sertão tenta abrir os olhos da comunidade com manchetes de grande alcance emocional, reproduzindo a história de refugiados dos campos de concentração, em que toda a humilhação sofrida é passada aos leitores nos seus mínimos detalhes. Isso criava um magnífico imaginário na população local, fértil de atrocidades e medos.

Nos campos de concentração da Alemanha, os prisioneiros são submetidos a todas as torturas imagináveis. São esbofeteados a cada momento. Seus dentes são arrancados a murros e pauladas, muitos ficam cegos com as unhas dos guardas. São constrangidos a lamber o sangue dos companheiros sacrificados. Milhares são queimados vivos.¹²⁴

Quando meu pai me contava sobre os campos de concentração eu imaginava o diabo em Hitler. Às vezes achava que ele tinha aqueles garfão do demônio e empurrava no povo, quente. Botava as pessoas pra comer rato, rancava as unhas

¹²³ HOBSBAWN, op., cit. P. 58.

¹²⁴ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 05 de abril de 1943, p. 1.

e os dentes. Eu achava que os campos eram pra trabalho, plantar. Mas não. Era pra morrer mesmo.¹²⁵

Diante desses discursos, o povo morrense encarou a Alemanha como a grande pátria do mal e precisava ser derrotada. As manifestações seguiam de maneira restrita, com conversas e discussões nas ruas e em algumas reuniões de políticos e personalidades evidentes de Morro do Chapéu. A guerra aérea atingiu também sua maioria na Segunda Guerra Mundial. As fotos de caças americanos estampadas no periódico, exaltando o poderio de guerra dos Estados Unidos, a potência das Américas, alimentavam ainda mais o imaginário dos morrenses e a certeza de que a vitória era eminente. Segundo depoimento do Sr. Lourival Cunegundes nas várias reuniões da sociedade a discussão era a derrota da Alemanha, onde às vezes a realidade dava lugar à imaginação, pois *discutíamos de que maneira os aliados chegariam à vitória, por terra ou por aviação*.¹²⁶

Enfim, o final estava próximo. Os caminhos percorridos pela Alemanha de Hitler indicariam que a sua investida seria infeliz. O fato de lutar em duas frentes reservou para o Fuhrer o seu destino derrotista, se perdendo a cada batalha. Era como se a Alemanha estivesse seguido um rumo que a colocaria acuada num grande muro de suas próprias contradições ambiciosas. Como indaga Hobsbawn, *por que Hitler, já esgotado na Rússia, declarou gratuitamente guerra aos Estados Unidos*.¹²⁷

As infelizes investidas de Hitler levariam a Alemanha a capitular. O Correio do Sertão, como já vimos, preparava a população de Morro do Chapéu para a tão sonhada queda da Alemanha. Todas as agressões sofridas pelo Brasil retornariam com uma forte carga de prazer ao saber que os alemães caíram e que Hitler cometera suicídio, afinal de contas definitivamente o povo brasileiro foi vingado e Morro do Chapéu teve sua participação nessa vitória.

O estado de felicidade dos morrenses com a queda da Alemanha é representado nas manchetes do periódico. Toda vitória precisa de uma comemoração. Isso é nato do ser humano. Como a comunidade de Morro do Chapéu esteve inserida no contexto da

¹²⁵ Depoimento, em 26 de fevereiro de 2004, da Sra. Euni Macedo Matos, nascida e residente em Morro do Chapéu.

¹²⁶ Depoimento, em 07 de outubro de 2003, do Sr. Lourival Cunegundes, nascido e residente em Morro do Chapéu.

¹²⁷ HOBBSAWN, op., cit. P. 48.

guerra, a partir do momento em que sofre retaliações em seu ínfimo comércio, estabelecendo uma frugalidade na alimentação, participando das campanhas de economia de guerra do Estado Novo e, principalmente, da participação direta de um filho da terra no conflito, a certeza do triunfo não poderia passar em branco. Como já vimos, o Correio do Sertão esteve preparando terreno para as possíveis manifestações e, antes mesmo da capitulação alemã, o jornal informava à população o rendimento incondicional da Itália aos Aliados. Nota-se que, depois da notícia, a arregimentação para as comemorações patrióticas são expressas publicamente, com festejos e discursos inflamados que exaltavam Vargas, sua política e as nações aliadas, evidentemente.

No dia 8, o radio transmitiu a notícia de que a Itália já se entregou incondicionalmente às Forças Aliadas. Recebendo a sensacional nova, o povo, em massa, desta cidade vibrou de vivo entusiasmo, promovendo imediatamente grande e festiva passeata pelas nossas ruas, em homenagem às Nações Unidas, ouvindo-se nesta calorosa manifestação pública em prol da causa aliada vários e aplaudidos oradores.¹²⁸

O depoimento do Sr. Lourival Cunegundes retrata a tendência da política local em relação aos acontecimentos, como também o respaldo do povo:

Eu lembro quando a Itália se rendeu. Foi uma festa calorosa em nossa cidade. O povo estava na rua, muitos fogos, uma passeata. Os mais letrados discursavam, falando do mal que estava acabando e da boa condução de Getúlio Vargas.¹²⁹

Mas a vitória esperada era a derrota definitiva dos alemães, pois foram marcados, através de uma política direitista que priorizava interesses próprios, formulando um conceito unilateral da história, como os únicos agressores da dignidade humana. Elementos desse discurso foram implantados na mente da população de Morro do Chapéu, fazendo com que o desejo da derrocada alemã se apressasse, como única forma de devolver a paz no mundo. Analisando as várias vertentes históricas do

¹²⁸ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 15 de setembro de 1943, p. 1.

¹²⁹ Depoimento, em 07 de outubro de 2003, do Sr. Lourival Cunegundes, nascido e residente em Morro do Chapéu.

conflito, percebemos que a guerra revelou o grande empreendimento daqueles que buscam o poder pela força, não respeitam os direitos de povos submetidos, dando ênfase maior aos seus imensos consórcios capitalistas, onde a vida humana passou para segundo plano, tanto para os membros do Eixo, em especial a Alemanha, quanto para a Força Aliada, pois *os governos democráticos não resistiram à tentação de salvar as vidas de seus cidadãos, tratando a dos países inimigos como totalmente descartáveis*.¹³⁰

A esperança da capitulação alemã estava rondando Morro do Chapéu. As conversas nas ruas eram as mais otimistas possíveis, abordando praticamente toda a trajetória do conflito, as principais vitórias e derrotas, exaltando a soberania e a democracia brasileiras, afinal o desfecho do conflito estava fazendo jus ao discurso do Estado Novo. Para exaltar ainda mais os ânimos dos morrenses, o Correio do Sertão dedica, praticamente, toda uma edição para relatar o fim da guerra e a derrota da Alemanha, com ênfase à morte de Hitler. As manifestações locais são apresentadas de forma a respaldar tudo o que foi exposto durante o tempo de guerra no periódico, principalmente no que diz respeito ao patriotismo estabelecido no povo morrense através do jornal. A manchete do fim da guerra toma toda a primeira página com letras garrafais e seu texto segue uma linha passional, mas vingativa, escatológica, mas com segurança, fruto da certeza da vitória. Funciona como uma espécie de afirmação a tudo que foi dito pelo arrazoamento oratório do Estado Novo, pela ênfase dada aos líderes da força aliada, reproduzidos e enfatizados nas páginas do Correio do Sertão. Na mesma manchete, o periódico alerta que a guerra ainda não acabou totalmente, pois ainda existe o Japão.

Até que afinal eis vencida a fera que pretendia devorar a humanidade – Homo hominis lupus. A velha Germânia sempre disposta a conquistas, pensou levar de vencida o resto da humanidade, tomando todas as nações sob o seu guante. Mas felizmente não saiu como supunha, porque os aliados, não dispostos a escravidão, enfrentaram heroicamente a sanha dos inimigos da humanidade. Assistimos a pior luta da história, luta verdadeiramente sangrenta, hecatombe impiedosa, em que nada foi respeitado, nem a fragilidade da mulher, nem o crepúsculo dos velhos, nem a inocência das crianças. Mas, tudo vencemos.

¹³⁰ HOBSBAWN, op., cit. P. 34.

Roosevelt, Churchill e Vargas, pais da democracia. Entramos afinal no goso da Paz, embora lutando-se ainda com o Japão, cujo inimigo está prestes também a se capitular.¹³¹

A notícia caiu como uma bomba de felicidade na população local. As pessoas foram para as ruas, acompanhando passeatas, discursos inflamados proferidos pelos letrados lembrando os momentos mais importantes do conflito, sempre exaltando a política estado-novista e os líderes das forças aliadas. Houve comemorações no teatro com a presença de autoridades locais, baile musical e o feriado municipal decretado. É importante ressaltar que esse procedimento tinha um vínculo muito estreito com o que vinha de fora, no caso da capital, Salvador, pois os telegramas recebidos na redação do jornal foram reproduzidos na edição e funcionava como uma maneira de arregimentar a população local para participar dos festejos, uma vez que colocava Morro do Chapéu numa posição de destaque em relação ao desfecho do conflito. A parte religiosa foi encenada por uma missa, onde a igreja matriz ficou lotada. O discurso do mediador do ato religioso exaltava os aliados, atribuindo-lhes a vitória final.

Nesta cidade as notícias do fim da guerra, desde a queda de Berlim, foram recebidas com vivo entusiasmo e com a mais vibrante alegria, havendo, apesar do tempo chuvoso, passeatas do povo pelas ruas, aos sons de hinos patrióticos, toque de cornetas e tambores e o espoucar de foguetes. Vários oradores, salientando-se dentre eles, o dr. Arnobio Ribeiro, promotor, Joel Paraguassu, proferiram bonitos discursos, todos bem aplaudidos.¹³²

As comemorações estenderam-se, segundo o Correio do Sertão, dois dias depois, regadas a festas, desfiles de escolas, autoridades e representações eclesiásticas, representantes fortes do comércio, culminando com uma missa na igreja matriz. Interessante ressaltar que essas manifestações obedeciam a uma rigorosa regra democrática, com um possível bloqueio de pessoas que simpatizavam com os regimes totalitários, uma vez que não compareceram ao evento. Nota-se que, em Morro do Chapéu, existiam pessoas que simpatizavam com os governos totalitários.

¹³¹ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 15 de maio de 1945, p. 1.

¹³² Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 15 de maio de 1945, p. 1.

Todos participaram, menos algumas pessoas anti-democráticas, que aliás, obrigadas a se comparecerem, não quiseram ainda se render e recusaram a se apresentar ao público neste dias de festas para todo o mundo. Enfim, pouca falta fizeram, porque as festas não perderam com isto o seu brilho.¹³³

As manifestações de alegria e satisfação em Morro do Chapéu pelo fim do conflito na Europa significaram a inserção de um micro universo num contexto mundial, mesmo não sofrendo diretamente as investidas maléficas da guerra. Os discursos produzidos pelos moradores e pelo Correio do Sertão revelam uma participação relativamente efetiva de Morro do Chapéu, quando procurou se interar com os fatos. As representações estabelecidas buscam chegar o mais próximo possível das definições já conhecidas sobre guerra, mesmo sabendo que obedecia a um pensamento histórico unilateral. O que realmente importa é saber que a História dá oportunidades para que sociedades não industriais possam fazer sua narração através da memória e da tradição, envolvendo cultura e imaginário popular com política e economia, temas da história clássica.

O fato é que a magnífica criação destrutiva do homem resultou para Morro do Chapéu discursos tão inusitados quanto reveladores. Lembranças de momentos que jamais a comunidade pensou em viver, como não viveu diretamente, mas com a certeza de que as conseqüências foram paulatinamente sofridas, dentro, claro, de limitações impostas por distância, pobreza e desconhecimento quase generalizado do conflito. Porém, alguns acontecimentos criaram vínculos e a comunidade passou, em vários momentos, a respirar o clima terrível proporcionado pela guerra. A Segunda Guerra Mundial influenciou os moradores de Morro do Chapéu e suas reminiscências são a prova de que a história não tem limites e não é determinada apenas por fatores políticos e econômicos, muito menos privilegia somente os grandes acontecimentos das macroestruturas. Sendo assim, a memória do maior conflito mundial do século XX se encontra também em Morro do Chapéu através dos depoimentos recolhidos e analisados neste trabalho, em que expressões de alegria, tristeza, saudade, orgulho, decepção, como também as manifestações de felicidade com o fim da guerra foram pontos norteadores que promovem uma história cultural e social de Morro do Chapéu.

¹³³ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 15 de maio de 1945, p. 1.

Conclusão

A deflagração da Segunda Guerra Mundial em setembro de 1939, por ter sido um fato de alcance global, mesmo sabendo que os rincões do planeta apresentavam uma posição mais ou menos neutra e distante das possíveis conseqüências do conflito, entrou na vida cotidiana de Morro do Chapéu, cidade da Chapada Diamantina, Estado da Bahia, através de seu próprio meio de comunicação que é o Correio do Sertão, fundado em 1917, considerado o jornal mais antigo do interior baiano. Os discursos produzidos pelo periódico, através de matérias que tinham um cunho exclusivamente emocional, indo do passional ao escatológico, despertando a curiosidade e a admiração no povo local, fizeram com que os morrenses se aproximassem, timidamente, do palco da guerra, através de comentários nos lugares públicos sobre os rumos da conflagração, e determinando uma representação quase unânime sobre o conflito, em que o imaginário popular fez grande diferença.

O ano de 1942, com os afundamentos dos navios brasileiros, reservou para o povo baiano momentos de grande infortúnio. A população de Morro do Chapéu começou a sentir e viver as conseqüências diretas da guerra, no que tange a economia de racionamento estipulado pelo Estado Novo. A escassez de produtos, inclusive gêneros de primeira necessidade, a especulação e a carestia de vida foram intensamente vividas pelos morrenses, os quais passaram a respeitar e aderir às novas concepções de como se deveria agir para que não faltasse o pão de cada dia. Para uma população com poucos recursos financeiros, a instituição do racionamento de guerra, bem como a conjuntura de especulação e carestia contribuíram decisivamente para o desgaste das condições de vida dos morrenses.

A imprensa baiana veiculava rotineiramente as notícias da guerra. O assunto ganhou enorme destaque a partir do momento em que navios brasileiros foram afundados próximos ao litoral da Bahia. O Correio do Sertão publicava seus artigos seguindo as regras estipuladas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, órgão que fiscalizava as produções jornalísticas durante o Estado Novo. A idéia de que os alemães

invadiriam o Brasil começando pela Bahia fez com que o periódico abraçasse a causa contra o quinta-colunismo, onde os textos dos artigos procuravam arregimentar a população local para uma possível união contra os nazistas existentes no território nacional, pois todos estavam correndo grande perigo, mesmo na pequena Morro do Chapéu. As reportagens sobre os métodos atrozes nazistas fizeram com que o imaginário popular exprimisse seu lado mais sombrio em relação a um ser humano, em que Hitler era considerado o demônio em pessoa.

O ano de 1944 marcou decisivamente a inserção de Morro do Chapéu na história da Segunda Guerra Mundial. Foi nesse ano que aconteceu o fato que mais aproximou os morrenses do palco da guerra: a convocação do soldado Cláudio para as fileiras do combate na Europa. Nascido em Morro do Chapéu, o pracinha teve uma infância difícil, e, uma vez alistado, foi repentinamente convocado para servir o exercito brasileiro na guerra. O Correio do Sertão publicava as matérias exaltando o patriotismo estadonovista, em que a pátria estaria acima de tudo. Esse fato foi a causa, durante algum tempo, da aproximação da gente simples com a gente de poder e prestígio da comunidade, pois toda a angústia sofrida pelos familiares foi repartida por todos os morrenses. Na confluência dos acontecimentos, ainda nesse período, o povo de Morro do Chapéu vive o momento da economia de guerra ditada pelo Estado Novo, em que os moradores saiam nas ruas pedindo material metálico e borracha para ajudar o Brasil na guerra, sendo atendido por boa parte da população.

Diante das participações com óbvias limitações de Morro do Chapéu no conflito, a guerra passou a fazer parte do cotidiano do povo morrense. Seu final era esperado por todos. O Correio do Sertão arregimentava a população para o tão esperado fim de tantas atrocidades. A notícia da derrota da Alemanha foi comemorada na cidade como uma festa de independência, seguida de manifestações patrióticas, bandas na rua e discursos inflamados, exaltando a política de Getúlio Vargas. O povo, por sua vez, participou fervorosamente de todas as comemorações. Outro fator interessante foi a volta do soldado Cláudio, também muito esperada por todos e principalmente pelos familiares. A recepção na cidade não poderia ser diferente: festas, desfiles nas ruas, discursos de autoridades, missas, tudo acompanhada e documentada pelo Correio do Sertão e pelos

depoimentos recolhidos neste trabalho, significando que a história local é parte também do contexto histórico mundial, evidenciando o esforço para manter as tradições, mobilizando coletivamente a comunidade mediante práticas que envolveram, dentro da comunidade, o fortalecimento, pelo menos por um certo período, de solidariedade, diante de um fato tão distante da realidade local.

Fontes

Fontes Orais

Jovenilda Silva Conceição, 70 anos, nascida e residente em Morro do Chapéu.

Joselita Rodrigues, 76 anos, nascida e residente em Morro do Chapéu.

Jacira Rodrigues dos Anjos, 67 anos, nascida e residente em Morro do Chapéu.

Lourival Cunegundes, 77 anos, nascido e residente em Morro do Chapéu.

Paulo Gabriel de Oliveira, 65 anos, nascido e residente em Morro do Chapéu.

Rita Bagano, 76 anos, nascida e residente em Morro do Chapéu.

Euni Macedo Matos, 66 anos, nascida e residente em Morro do Chapéu.

Arquivos e Bibliotecas

Arquivo da Biblioteca Municipal de Morro do Chapéu – Periódicos: Correio do Sertão (1939-1945), Diário da Bahia (1942-1944)

Arquivo da Família de Claudionor de Sena Marques - Fotos

Referências Bibliográficas

- ABREU, Marcelo de Paiva. O Brasil e a economia mundial (1929-1945). In: FAUSTO, Boris (org). História Geral da Civilização Brasileira: o Brasil Republicano: economia e cultura (1930-1964). São Paulo: Difel, 1986.
- AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e Abusos da História Oral. 4 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- BARRACLOUGH, G. Introdução à História Contemporânea. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- BELO, José Maria. História da República – 1889-1954: síntese de sessenta e cinco anos de vida brasileira. 8 ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1983.
- BONALUME NETO, R. A nossa segunda guerra: os brasileiros em combate (1942-45). Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995.
- BURKE, Peter. A Escrita da História: novas perspectivas. Trad.: Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.
- CARONE, Edgard. A Terceira República. São Paulo: Difel, 1976.
- CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CYTRYNOWICZ, Roney. Guerra sem guerra: a mobilização em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Geração Editorial/EDUSP, 2000.
- DOBB, Maurice. A Evolução do Capitalismo. 7 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- FEBVRE, Lucien. História. São Paulo: Ática, 1992.
- GRAMSCI, Antônio. Concepção Dialética da História. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- HOBSBAWN, Eric. A Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LENHARO, Alcir. Nazismo: o triunfo da vontade. São Paulo: Ática, 1992.
- LENSKIJ, T & HELFER, N. A Memória e a Pesquisa Histórica. Santa Cruz do Sul: ANPUH, 2000.
- LOPEZ, Luiz Roberto. História do Brasil Contemporâneo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

MARQUES, Adhemar. História Contemporânea através de textos. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1994.

PEDRO, Antonio. A Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Atual, 1987.

PRADO JUNIOR, Caio. História Econômica do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1994.

REALE, Giovane; ANTISERI, Dario. História da filosofia: do romantismo até nossos dias. Trad.: Álvaro Cunha. Vol. III. São Paulo: Paulinas, 1991.

RIBEIRO, João Jr. O Que é Nazismo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SAMPAIO, Consuelo Novais. A Bahia na Segunda Guerra Mundial. In: O Olho da História. Salvador: Oficina Cinema-História, 1995.

SARTRE, Jean-Paul. Diário de uma guerra estranha. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SCHNAIDERMAN, Boris. Guerra em Surdina: história do Brasil na Segunda Grande Guerra. São Paulo: Brasiliense, 1978.

SILVEIRA, Joel. O Brasil na Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Tecnoprint, 1997.

TRONCA, Ítalo. O Exército e a Industrialização: entre as armas e Volta Redonda. In: FAUSTO, Boris (org). História Geral da Civilização Brasileira: o Brasil Republicano: sociedade e política (1930-1964). São Paulo: Difel, 1986.

Anexo



Foto: Arquivo da família de Claudionor de Sena Marques.